

O Mundo no Ventre

Há notícia de um homem que vivia para aqueles lados onde o sol costumava nascer, que trazia consigo uma grande tormenta, uma doença. Bem, talvez não fosse bem uma doença dessas que torcem os ossos e minguam as carnes. Era mais uma maleita ou defeito adquirido. Coisa rara.

Diz-se que ele nasceu de seu pai e sua mãe por motivos de amor sincero, daqueles que duram e duram e trocam as voltas à morte e continuam a durar nas pedras da calçada, nos vidros das janelas que os viam passar de mãos dadas nas manhãs de domingo.

Diz-se não haver notícia que tivesse feito aberrações consigo ou com quem cruzasse o seu caminho.

Ninguém sabia a origem ou motivo de tal mal

que o tinha em tal estado de sofrimento.

Sabe-se que certo dia foi visitar um médico daqueles que também são doutores e cheiram à distância o que nos vai por dentro, o que corre entre as nossas células e glóbulos, tanto dos brancos como dos vermelhos. Foi visitá-lo em súplica.

Pensa-se que terá dito ao doutor que acordou certo dia com um peso no ventre, um peso de dentro para dentro.

Um peso que o fez sentar-se a custo na borda da cama e que o impedia de se levantar.

Era tal o peso que compreendeu que tinha de tentar descobrir o que se passava.

Passado algumas horas descobriu que tinha engolido o mundo, o mundo inteiro.

Todos os seus hemisférios, meridianos e oceanos, todos os seus ventos e montanhas, todas as pessoas e todos os animais.

Um peso insuportável, impossível de digerir.

Que coisa rara de acontecer, logo a ele, um homem tão comum e sem nada que o pudesse fazer sobressair.

Tinha o mundo inteiro no ventre, coisa nunca vista, mas o que o fazia sofrer mais, mais do que arrotar furacões e expelir terremotos madrugadores, engolir equinócios e cuspir solstícios, era saber que tinha engolido também a ganância dos homens, as injustiças, as consciências.

Tinha engolido a ânsia daqueles que querem a guerra, a euforia podre dos violadores e assassinos, o sangue frio dos homens sem razão.

Dormia com a culpa da humanidade, tomava banho com os rios imundos das cidades, vestia-se com os detritos eternos do fundo dos oceanos, empanturrava-se com os excedentes dos ricos ao almoço e gritava a fome dos

pobres ao jantar.

Não conseguia orar porque as palavras sagradas soavam sempre a falso e quando pedia perdão, sempre que se confessava, tinha mais um milhão de pecados não confessados, tinha mais mentiras e intrigas, usurpações e infâmias.

Às vezes, mas raras vezes, tinha o coração cheio de amizade e amor, solidariedade e esperança.

Que destino tão cruel, que horror maior haveria?

Que cura terá encontrado o senhor doutor para mal tão raro?

Que xarope ou unguentos receitaria para aliviar a dor de um mundo inteiro?

Como trataria as consciências, as angústias de um soldado?

Como curaria a tristeza do coração dos órfãos de guerra?

Que terapia para o ódio, para a raiva que faz o mundo gritar, atacar, humilhar, ofender?
Como trataria as almas e os desvalidos?

Conta-se que este homem continua a carregar este mal, esta condição.

O doutor continua a tentar encontrar a receita, a cura; obra ingrata...

Mana Chiquinha

Mana Chiquinha era uma zungueira conhecida. Corria a ruas da cidade do Dondo a vender cacusso.

-Olha o cacusso, senhora!

Mas a vida da Mana Chiquinha era mais do que isso. Tinha uma palavra gentil para toda a gente. Dava kilapi a quem pedisse e gostava de beber uma cerveja com as amigas ao fim da tarde, logo ali na marginal.

Cantava bem em kimbundu, diziam.

Mas era uma vida de luta.

Não era tarefa fácil a compra do peixe de madrugada, a zunga e o trato do filho.

Mas a Mana Chiquinha, mulher bonita, viúva por coisas lá da guerra. Gostava de dançar. Dançava com a kitanda na cabeça e havia quem dissesse que ela era feliz.

Todos os homens queriam namorar com ela. Ela não namorava com nenhum. Vinte anos viúva e agora é que se ía meter em

problemas. Nada disso, decidiu.

Quando algum homem a tentava seduzir ela respondia: - Já me viste, você? Sai daqui, kadengue!

Nunca faltou nada em casa, nem alegria.

Um dia, quase igual aos outros dias todos, o sorriso da Mana Chiquinha desapareceu. O filho não voltou para casa. As horas foram passando e ela decidiu ir perguntar se alguém o tinha visto.

-Sim, o Joãozinho, estava aqui agora mesmo...
Ninguém viu.

-Tinha uma camisa vermelha e calções azuis do uniforme do colégio...

Ninguém viu.

A Mana Chiquinha correu todos os bairros da cidade. Perguntou a toda a gente. Perguntou se ele tinha ido nadar no rio, se alguém o viu a andar numa mota, se sabiam quem eram os amigos...

Ninguém sabia.

Na madrugada desse dia, Mana Chiquinha não foi comprar peixe, não dançou nem alegrou as ruas por onde passou.

Nessa manhã, as amigas foram chamá-la e disseram que ela tinha de ter muita coragem. Tinham notícias do filho dela, mas ela tinha que ser forte...

Coragem...Forte...

Uma bala perdida, um infortúnio, uma desgraça. Ninguém soube explicar.

A Mana Chiquinha nunca mais dançou, nunca sorriu e nunca mais viu o seu filho.

O Carrasco da Vila Clotilde

A chegada à estação de comboio do Valado dos frades foi o que mais me perturbou na jornada atribulada desde a estação do Rossio em Lisboa até Alcobaça.

A paragem enigmática de sei lá quantas horas nas Caldas da Rainha e saída abrupta e madrugadora rumo à única porta ferroviária para Alcobaça provocou sérios problemas à minha, já de si, fraca paciência. Confesso que a chegada ao Valado dos Frades deu cabo de mim. Uma viagem tortuosa, interminável. Pouca gente nas carruagens. Uma jornada bíblica. Viagem cinzenta e incómoda. Chegada solitária e fria. Como sempre. A praça da estação vazia, como ainda me lembrava, um táxi, nada mais. O café do outro lado da rua fechado, insinuando mais um dia calmo e pardo, como todos os outros dias que não fossem de verão.

A paisagem cinzenta, os pinhais intermináveis

e intransponíveis. Chegar ao Valado dos Frades era um tormento. Sempre mais uma estação, sempre mais um apeadeiro, mais cinco minutos, mais um apito.

O ruído mecânico da locomotiva fazia-me questionar o propósito da missão.

Era impossível aceitar que os quase 100 Kms de distância de Lisboa fossem exactamente o tamanho do fosso entre este Portugal imerso na ignorância e subdesenvolvimento e um Portugal moderno e sofisticado que se adivinhava vir a acontecer com a queda do regime. 100 kms de vazio.

Não escondi o desconforto de voltar a Alcobaça.

Mostrei-o com a minha expressão, com alguns movimentos corporais enfadados e, claro, por uma nota interna a solicitar que outro operativo fosse em meu lugar por motivos de incompatibilidade circunstancial. Negada.

Alcobaça era uma pedra no meu sapato, um período corrosivo da minha existência, da minha educação. Cresci numa Alcobaça

monocromática, insípida. Alcobaça de poucas ruas e pouca gente, porém, centralizando algumas escolas e externatos, superando até a vizinha Nazaré. Saí na primeira oportunidade que tive: Tropa.

Alcobaça era uma cidade de elites. Um pé em Lisboa e outro em Coimbra.

Sempre dividi mentalmente a Alcobaça imaginada pelos membros das elites que exibiam a sua relação forte com Lisboa e Coimbra daquela Alcobaça dos que, pesadamente, carregavam o fardo de viver, existir e sobreviver numa Alcobaça tranquilamente vazia de conteúdo, ainda feudal, sustentada pela presença fálica da fachada do Mosteiro, os jardins minúsculos, mas românticos e acolhedores.

Os passeios empedrados magnificamente, honrando os séculos de história de Portugal. Gente de faianças e agricultura, muito aberta a artes, letras e música, desde que dentro do seu seio, do seu núcleo pseudo-intelectual. A intelectualidade em Alcobaça era medida por

visitas a Lisboa e por exibição de riqueza. As ruas desaguavam todas para o rossio. Um rossio, vejam lá, outra prova pombalina das manias de grandeza dos alcobacenses, reservado a algumas lojas de venda de lembranças com imagens do mosteiro ou do castelo, louças de azul Alcobaça com motivos florais ou, mais uma vez, do Mosteiro omnipresente, mas nada tão forte e consistente como a ginja de Alcobaça, acondicionada numa sofisticada garrafa, rótulo preto, segunda cor das vestes dos frades cistercienses, uma ginja aveludada e doce, sensual até.

Toda a pequena vila, negando, vezes sem conta, a dependência directa daquele caramanchão, daquele disforme e antigo edifício rodeado de podridão e história por todos os lados, de cemitérios e mistérios por desenterrar. Odores fétidos de outras gerações, herança pesada e húmida, viscosa, ocupando o lugar cimeiro da urbe, exibindo o seu estatuto, sempre superior a Lisboa e

Coimbra, sempre a memória dos reis e das rainhas, dos melhores amores, degraus cantados por Camões e por todos os outros. Pedro e Inês a cada passo. Luta injusta aquela.

Eu era, seguramente, a última pessoa que devia ter por missão verificar se era verdade, se se confirmava que residia em Alcobaça, no antigo Asilo de Mendicidade de Alcobaça, no presente ano de 1981, um cavalheiro de nome António Simões, também conhecido por “O Carrasco da Vila Clotilde”.

Os tempos dos pós 25 de Abril trouxeram dois fenómenos. O primeiro foi evitar a caça às bruxas. O segundo foi evitar que os comunistas tomassem o poder pelo voto.

Coisa poderosa essa de ganhar o poder pelo voto. Não havia o hábito, só o desejo. O regime foi jogando, enquanto pode, com esse instrumento poderoso que é o pleito eleitoral. Quando aconteceu o 25 de Abril foi necessário perceber o que fazer com os detalhes. Como tratar os executantes das decisões enérgicas e

musculadas do regime? Fazer como eles? Apanhá-los de madrugada e prendê-los, torturá-los e, porque não, matá-los? Extrair-lhes confissões com pontas de cigarros? Um tiro na nuca e uma sepultura magra e infâme na estremadura espanhola... O grande abismo, chamou Simon Bolivar, “o abismo do que vamos fazer com a liberdade que conquistamos”.

Evitar ou praticar a caça às bruxas trazia alguns problemas. Primeiro porque trazer a público um severo executante das medidas coercivas do regime, mesmo que só nos circuitos policiais ou políticos, era, sem dúvida, um degrau para o protagonismo, mas fazê-lo, em si, acarretava o peso da memória e da decisão de prender, julgar, trazer a lume um passado recente incómodo que tocava a todos. Ninguém era inocente.

O ficheiro de António Simões era, por si só, profundamente perturbador.

Parecia impossível que tantos relatos de atrocidades viessem sempre cair em cima

deste nome, desta pessoa. Lisboa, Luanda, Maputo, Bissau, Santiago, Dili, sei lá, todos os cantos do Império Ultramarino estavam infestados pelo nome deste homem. “O Carrasco” era um personagem assustador, provocava pesadelos e suores frios. O dossier era extenso, rico em fotografias e transcrições oficiais da PIDE-DGS. O homem era, segundo os relatos e documentos, um executante exímio, levando ao limite as suas vítimas, reduzindo-as à mais baixa das condições humanas, transformando homens e mulheres em dejectos disformes e martirizados. A confissão era extraída a toque de queimaduras, feridas abertas que inflamavam, infectavam a cada hora que passava, sem auxílio, sem pudor, sem compaixão. Elaborava cartas inventadas de companheiros a acusarem, a difamarem. Todos os recursos eram usados. Alguns dos relatos falavam na tortura do sono. Dias, semanas em que privava os interrogados, os prisioneiros, do mínimo do conforto: Dormir.

Insónia induzida, sede induzida, sons estridentes dia e noite, luz forte sobre a face durante semanas, cartas oficiais inventadas dizendo que o seu pai se suicidou após conhecimento da traição do filho, que a sua esposa se casou novamente por negar ser esposa de semelhante traidor. Tortura física e psicológica constante, intermitente, pensada, esquemática, infalível. António Simões, nascido na Figueira da Foz, Buarcos, freguesia de São Julião, no ano de 1918. Desaparecido em combate na ex-colónia ultramarina de Angola. Último cargo conhecido: Operacional residente da PIDE-DGS em Luanda, base da Inteligência Militar em Luanda, Vila Clotilde, 1974. Estatuto: Confidencial.

O primeiro passo era instalar-me o mais discretamente possível. A pensão Corações Unidos foi a escolha óbvia. Centro da vila, discreta e acessível.

A recepção da pensão era bastante acolhedora. A porta antiga e pé direito

bastante alto dava uma dignidade inquestionável à pequena pensão. Um restaurante acolhedor e atendimento afável e discreto. O quarto era muito confortável, uma agradável surpresa.

Como a minha chegada matinal me dava algumas horas de lazer, decidi percorrer as ruas da vila como o havia feito alguns anos antes. Saí em direcção ao Rossio, entrei pela Rua do Castelo, passando pelos CTT à esquerda e o Largo do Mosteiro à direita; uma subida vertiginosa para quem perdeu o hábito de andar a pé. O castelo em ruínas estava exactamente como o deixei. Sim, como o deixei, depois de tantas tardes com os amigos a brincarmos de índios e cowboys, Tarzans e Robin dos Bosques. Senti saudades pela primeira vez desde que chegara.

Fiquei por alguns minutos a contemplar a vila do alto. Uma visão magnífica. Uma dança de verdes extraordinária, contrastando com um céu azul límpido, saudável, amplo. O vale da terra prometida. O mosteiro exibia todos os

seus limites e fortificações. Orgulhoso. As árvores altas e imponentes cruzavam toda a vila, fazendo dos transeuntes uns meros adornos irrequietos da melancolia pacata da paisagem. Alcobaça imponha-se, vista daquele ângulo.

Senti uma certa inquietação. Ali, naquele lugar, brevemente paradisíaco, encontrava-se ou julgávamos que se encontrava, um dos mais sórdidos personagens da história do mundo. Lado a lado com os carrascos nazis, lado a lado com os loucos e assassinos do mundo inteiro. Ali, em Alcobaça, nas imediações ou, até, nas instalações do mosteiro. Esse pensamento fez-me rodar sobre mim e descer rumo à vila. O frio começou a incomodar-me. Era altura de começar a cumprir a minha missão.

A entrada do asilo era confrangedora. Uma rua empedrada e fria, sombria. O muro que ladeava para a propriedade da família Magalhães fora erguido para resistir a tudo, a frio, chuva, tempo... As ervas daninhas

enrolavam-se firmemente nas eras dos muros e davam um odor de antiguidade.

O portão alto e firme fechava-se a cadeado e tinha que se anunciar a boa voz para que alguém viesse atender. O pátio repleto de asilados indigentes, piores que pedintes, camuflados de gente por sobretudos negros e pesados, roupa de outros tempos.

Os meus olhos não podiam acreditar no que viam. Um cenário dantesco, surreal, ali, à luz do dia, no centro de Alcobaça.

Aqueles homens pareciam todos cadáveres em pé. Apoiavam-se uns nos outros e rodavam pelo pátio na esperança de se aquecerem, num toque íntimo e humano no meio daquela desumanidade. Dezenas, centenas de homens agarrados uns aos outros num passo lento e lúgubre, mortos adiados e conformados. O cheiro a cigarro de enrolar e vômito preenchiam todo aquele espaço fantasmagórico. Olhos de todas as cores olhavam para mim aflitos. Alguns dirigiram-me a palavra num sussurro imperceptível. O som

dos pés a arrastarem pelo empedrado, o murmúrio dorido de cada passo tirava toda a dignidade àqueles homens. O pátio centenário, vazio de humanidade, mas cheio de podridão e doença, desespero. Todos os bancos que estavam disponíveis estavam cheios de asilados. Eles eram amarrados uns aos outros para evitar que caíssem e se magoassem. Vi alguns em espasmo de claustrofobia, desesperados por estarem presos a corpos inertes, adormecidos, vomitados, urinados e por muito que pedissem ajuda, por muito que chorassem, a ajuda não chegava a não ser em forma de gritos severos e ameaças de bastonadas.

Os minutos de espera para ser recebido pelo director do asilo foram indiscrepíveis, tanto que, ao sentar-me à frente do director, este reparou na minha palidez, no nojo de tudo aquilo que acabara de testemunhar.

-Bom, desculpe a demora em recebê-lo. O meu nome é Faustino Fróes. O senhor...? - apontando para uma cadeira.

-Muito prazer, director Fróes. O meu nome é Nuno Carolino. Sou 1ª oficial de justiça da Comarca de Lisboa e venho em missão de confirmação de identidade de um asilado que julgamos ser procurado pela justiça portuguesa.

-Não me diga... Bem, penso que podemos ser úteis, sim senhor. De quem se trata?

-António Simões, natural da Figueira da Foz, Buarcos, freguesia de São Julião.

-Posso ver a ordem de serviço?

-Com certeza, senhor director, aqui está – soergui-me ligeiramente para que a folha oficial ficasse ao seu alcance.

-Ora, muito bem. Está tudo em ordem... A sua identificação coincide.... Pois bem... Dê-me um segundo...

O director levantou-se e dirigiu-se a um arquivo tipo cardex ao fundo da sala. A sala era profundamente desconfortável. Húmida, paredes altas, caiadas num branco imaculado. A acústica era imensa, tornando a sala num coliseu a cada som, a cada passo ou

movimento. Tudo rangia e gemia por todo o lado, como se estivesse possuída por demónios.... Muitos demónios.

-António Simões, Simões, Simões – matutava o director enquanto vasculhava o arquivo.

-Ora cá está! Simões... Não, este é da Guarda, não é da Figueira da Foz! Simões, Simões... - seguia procurando numa voz alta mental verdadeiramente enervante.

As janelas tinham grades fortíssimas. Lembrome de pensar que seriam do tempo dos monges. Sim, tinham de ser dos tempos dos monges.

-Pronto, aqui não falha nada! António Simões! O director voltou para a mesa com uma pasta na mão. Um troféu, pensei.

-O sr. Simões é um dos nossos internos, é sim senhor. Chegou cá, deixa cá ver.... chegou cá há 5 anos. Um momento, um momento... pois, cinco anos. Este cavalheiro veio da ala de psiquiatria do hospital... do hospital... deixe cá ver... Júlio de Matos. Deu entrada a 27 de Março de 1976.... Ora veja lá a coincidência!

Faz hoje exactamente 5 anos que ele deu entrada cá!

-Não me diga?!? Hoje?

Confesso que a coincidência me provocou um certo mal-estar. Parecia coisa feita, premeditada.

-O que me pode dizer dele?

-Infelizmente, não tenho de memória a ficha clínica ou psiquiátrica de nenhum dos internos, por isso, desculpe-me desde já, vou ter de chamar alguém que nos ajude.

-Pois, imagino. São muitos os internados... Já agora, quantos internados têm vocês por aqui?

-O senhor veio confirmar a identidade do senhor Simões ou de todos? - respondeu ríspidamente.

-Peço perdão, somente curiosidade – desculpei-me sem esconder algum desconforto pela rispidez desnecessária.

-Seguindo – continuou o director - Acompanhe-me à sala de espera de que já mando alguém para o atender.

Levantei-me firme e segui-o pelo corredor

altíssimo do asilo, não conseguindo alhear-me à confusão daquele asilo quase medieval em que me encontrava.

-O senhor Carolino não fique espantado pelas nossas condições. Acredite que fazemos milagres todos os dias. Todos os dias, ouviu bem?

Assenti. O director fez-me sinal para esperar e desapareceu pelos corredores.

A sala de espera estava de acordo com tudo o que tinha visto até ali. Despida, com bancos de madeira antigos, quase a desfazerem-se. As paredes caiadas daquele branco imaculado. Os funcionários com batas desabotoadas, falando alto, a rodopiarem sem nexos pelas portas e corredores, arrastando todo o tipo de equipamento médico antiquado, de tons de cinzento, como nos quartéis da Guarda Nacional Republicana.

Aguardei.

Comecei a matutar na coincidência da data. Estaria ele agitado fazendo cinco anos de clausura naquele asilo? Feliz não estaria com

toda a certeza... Todo aquele ambiente me indispunha. Sem contar que estava prestes a conhecer pessoalmente o “carrasco” em pessoa, ao vivo e a cores. Só eu e ele. Bem, a verdade é que a minha presença ali indiciava fortemente que se tratava efectivamente do “carrasco”, mas ele podia negar. Quais eram as chances de haver mais do que um António Simões de Buarcos? Toda a gente sabia que o verdadeiro carrasco da Vila Clotilde exibia uma cicatriz na face, entre o lábio e a narina direita. Esse tanto seria fácil de verificar. Melhor, quanto a mim bastaria isso e estava o caso encerrado. Bastava uma cópia do processo, um aperto de mão ao director e rumo a Lisboa que o caso estava tratado. Não me estava nada a apetecer ficar muito tempo sozinho com um dos homens mais cruéis da humanidade... Logo eu!

-Senhor Carolino?

A voz de uma mulher despertou-me dos pensamentos. Era uma mulher jovem, com o cabelo castanho dourado. Vestia uma bata

branca e trazia o processo de Simões na mão direita. Reparei que tinha um olhar triste e evasivo, mas algo familiar.

-Sim, sou eu. Quem tenho prazer de conhecer?

-Sou a menina Rita. Enfermeira-chefe desta ala.

-Muito prazer. Nuno Carolino, 1º oficial de Justiça.

-Senhor Carolino – disse, sentando-se e convidando-me a sentar ao seu lado com um gesto – o Senhor Simões é um interno que não nos tem levantado problemas nestes cinco anos. É gentil e obediente. É um dos internos que tem permissão para sair das instalações durante o dia. Nós permitimos algum tempo fora aos que nos garantem estarem aptos no que concerne ao respeito pelos horários, bom trato ou convívio com a população da vila e, o mais importante, que não comentam exageros no consumo de álcool.

-Percebo. Neste caso, compreendo que o senhor Simões está em posse das suas

capacidades?

-Sim, não tenho dúvida. Não fala com ninguém, não lhe conheço amigos, não causa problemas. A única coisa que sei é que gosta de ir aqui ao lado à taberna do senhor João, onde fica a beber vinho tinto, a fumar cigarros Kentucky à janela que dá para o Rio Alcôa e nada mais.

-Mas veio da psiquiatria, não veio? Está a ser medicado de alguma forma? Fisicamente, está apto?

-Sim, veio da psiquiatria como muitos outros. Ainda estamos para perceber porquê, mas é verdade que recebemos muitos homens da psiquiatria e, aqui chegados, não percebemos bem o porquê desse diagnóstico. Bem, como deve perceber, isso ultrapassa-me largamente.

-Sim, percebo. Posso vê-lo? - senti um frio na boca do estômago assim que estas palavras saíram da minha boca.

-Ele acabou de sair para a taberna. Se quiser pode esperar aqui ou voltar amanhã mais cedo.

A ideia de esperar naquele ambiente sórdido era aterradora.

-Obrigado, mas penso ser melhor voltar amanhã.

-Como queira. Até amanhã.

Levantei-me e dirigi-me à porta, sentindo um profundo alívio por sair dali.

-Senhor Carolino!?

-Sim, menina Rita?

-O irmão dele sabe que você cá está?

-Como?

-Sim, pergunto se o irmão dele sabe que você cá veio?

-Irmão? Não tenho nenhuma informação sobre esse irmão ou qualquer outra família... Tem a certeza?

-Sim. É a única visita que ele tem. Não tem uma rotina certa, mas pelo menos duas vezes por ano o irmão dele vem cá visitá-lo. Eu sei disso porque são raras as visitas aos internos. Coitados, estão para aqui abandonados...

-Não, não sabia. Obrigado pela informação, menina Rita, muito obrigado.

Um irmão! O “carrasco” tem um irmão que ninguém conhece. Pronto, tinha de ser. Alguma coisa tinha de dar para o torto...

Saí quase apressadamente do asilo e dirigi-me à pensão. Os sons dos meus passos ecoavam forte na minha cabeça, como se alguém me estivesse a seguir, a observar à distância. Corri.

Entrei na pensão um pouco esbaforido.

-Então, voltou para o almoço, imagino? - disse o recepcionista simpaticamente.

-Almoço? Como? Ah, perdão, sim, claro que sim. Vou só ao quarto lavar-me e já desço.

Sentia um nojo tremendo. Precisava de tomar banho, de esfregar firmemente todo o meu corpo, para me afastar daqueles cheiros. Devia lavar os olhos, se pudesse. Se pudesse lavava-os, garanto.

Sentia medo, também. Medo, mas sem saber bem de quê. Os olhos da menina Rita eram um enigma: Verdes escuros ou castanhos claros? Tinha de tirar isso da cabeça.

Desci para a sala de jantar já refeito daquela

sensação de aflição que me tinha deixado cair um pouco infantilmente.

-Posso usar o telefone?

-Claro que sim! Lá ao fundo, por favor.

Fiz a ligação obrigatória para o meu chefe. O telefone chamou demoradamente.

-Sim?

-Chefe, é o Carolino.

-Então, pá? Estás vivo?

-Chefe, que treta é esta do “carrasco” ter um irmão?

-Um irmão? Não pode ser. Garanto-te que não. Quem é que te disse isso?

-Aqui, chefe. O gajo recebe visitas de um irmão há cinco anos, pá!

-Porra... Um irmão?

-Sim, chefe. Ainda por cima faz hoje cinco anos que o gajo deu entrada aqui! 27 de março. Logo hoje...

-Porra... Hoje? Já o viste? Falaste com ele?

-Não, ele tinha saído para a taberna... Parece que é a única distracção do gajo. Fumar e beber ao pé do rio.

-Porra, Carolino, não sei nada de irmão nem de rios nem do caraças. Vai-me lá confirmar se é mesmo o gajo e liga-me. Se é o gajo, muito bem, se não é o gajo, por onde é que ele anda? Percebes? É a única pista que temos.

-Está bem, chefe. Eu faço isso.

-Quero saber onde ele estava no dia 4 de dezembro do ano passado. 1980.

-Mas 4 de dezembro é a data do...

-Vá, despacha lá isso que temos outra coisa para ti e é urgente.

-Está bem, chefe. Até amanhã.

O som do telefone a desligar enervou-me solenemente. 4 de Dezembro de 1980, porra. Não tive a conversa que queria. Não serviu de nada o raio do telefonema. O chefe tinha esse poder sobre mim. Parecia que me tirava as palavras da boca, que secava a conversa antes de eu poder perguntar o quer que fosse. Por exemplo, quem dera a informação do paradeiro? Quando? Ele é perigoso? Devo ir armado ou acompanhado por um GNR? Se ele reage à confirmação da identidade? Se

tenta fugir? Que palhaçada era aquela do dia 4 de dezembro? Porra, porra de telefonema! Não serviu de nada. O melhor era ir almoçar. O almoço foi uma surpresa formidável. Tão surpreendente que dei comigo a chamar o garçon.

-Por favor, posso falar consigo?

O garçon aproximou-se, expedito. Era um homem de cerca de sessenta anos de idade com um semblante simpático e diligente. Coxeava severamente da perna esquerda, o que não o impedia de ser muito célere nas suas tarefas.

-Diga, por favor?

-Pode dizer-me que pequena maravilha foi esta que me serviu?

-Ó, meu caro, como não.... É um franguinho na púcara, especialidade cá da terra. É simples, bem vê.

-Simples? Uma maravilha, é o que é! Não me lembro de comer este frango quando cá vivi...

-É só um franguinho estufado na púcara com uma cebolinha, um pedacito de bacon e um

toque cá da terra. Tudo nosso. Leva uma cenourita e é acompanhado com batatas fritas ou um arrozito dependendo dos gostos. Já vi que gostou!

-E o vinho? É da casa? Ao tempo que não bebia um vinho tão bom!

-Ai, não! Aqui só vinho da casa que aqui não se brinca nem com vinho nem com comida. Bem, deixe-me tratar de si. Posso trazer uma sobremesa da terra e uma ginginha?

-Com elas?

-Á vontade do freguês!

Sentia a cabeça à roda de tanta satisfação. A simpatia, o almoço, a ginjinha provocaram uma verdadeira derrocada muscular, um estado de transe maravilhoso. O percurso até ao quarto, descalçar os sapatos à toa e cair a dormir profundamente, inanimado: 10 segundos.

Acordei por volta das 19 horas. O anoitecer calmo de Alcobaça notava-se bem no semblante das pessoas com quem cruzava. Seria que alguém me iria reconhecer depois

de tantos anos? Seria que eu reconheceria alguém? A verdade é que só uma pessoa ficou firmemente marcada na minha memória. Uma paixão da primeira idade. Como ela se chamava? Já não me lembrava. Lembrava-me de uns olhos cor de amêndoa...

A minha estadia em Alcobaça, tal como o resto da minha vida, havia sido discreta e um pouco solitária. Orfão daquele tipo que amanhecem nos portões dos conventos e são recolhidos pela caridade das irmãs de Deus. Depois foi tudo muito igual. A casa deste ou daquele... Viseu, Aveiro, Alcobaça, tropa. Ninguém de referência. Nem sequer o meu nome era verdadeiro. Nuno Carolino não é o meu nome, nem de perto, mas foi o nome que me deram no registo. Era o nome do filho mais velho do primeiro senhor que me recebeu. Tinha morrido de tifo anos antes e acharam por bem dar-me o nome do desgraçado. Bem, já estava e tem servido para o uso.

Pus-me a vaguear pela vila, meio sem rumo até que, no regresso à pensão, no largo do

mosteiro, entrei num café formidável: O Baú. As gentes da vila juntavam-se ali para tomar a “bica”. Chovesse ou fizesse sol, o café não podia faltar. Sentei-me confortavelmente e pedi um café e um bagoço. O ambiente naquele recinto espaçoso era muito acolhedor. Um burburinho amigável de pessoas que se conhecem todas umas às outras. Fiquei encantado com a forma despreocupada do jogo da sueca numa mesa, do dominó noutra, a discussão do Benfica sempre acesa. Por momentos senti-me bem. Muito bem. Só o pensamento constante no encontro do dia seguinte perturbava a minha disposição. E a cor dos olhos da menina Rita...

No meio daquela tertúlia agradável, surgiu um personagem completamente improvável. Vestia um fato preto completo de riscas vermelhas muito finas, tipo cantor de bolero. Toda a gente o cumprimentou com alguma graça. Era o Augusto da Vestiaria. Um meio-louco, o palhaço da vila. Percebi que trocava pequenos gracejos por café e bagoço. Falava

em verso e gesticulava bastante. Tinha uma cabeleira farta e negra, bigode à Errol Flynn e modos de cavalheiro muito comprometidos pelas baboseiras ordinárias que faziam toda a gente rir. Veio na minha direcção e perguntou alto, para toda a gente ouvir: -Ó jeitoso, és de cá?

-Não, não sou -respondi, olhando para toda a gente à minha volta.

-Pagas-me uma bica ou tenho de t'a roubar?

-Beba lá a bica – fiz sinal ao garçon.

-Obrigado, ó jeitoso. Se precisares de alguma coisa é só dizer, ouviste? Chama pelo Augusto que toda a gente me conhece, pá! Do Algarve a Viana do Castelo é só chamar, pá! Não é verdade, rapazes? - virou-se para o balcão como se tratasse de um público num teatro.

-Não há quem não conheça o Augusto da Vestiaria. Pergunta à tua mãe ou às tuas irmãs, vá pergunta! - e soltou uma gargalhada estridente, meio tresloucada.

Um cavalheiro ao fundo da sala fez-lhe sinal.

-Augusto, deixa o senhor em paz.

-Desculpe, chefe Nabais. Desculpe. - Augusto rodou sobre si próprio e foi para o balcão. Tirou a boina e começou a pentear-se.

-É só perguntarem pelo Augusto da Vestiaria. Não há quem não me conheça! Ó pessoal, vai um fadinho?

Toda a gente começou a ignorá-lo até que ele saiu, tão aparatosamente como havia chegado, cantando e dando alguns passos que podíamos pensar que seriam de tango.

O dia acordou nublado, um pouco cinzento. Nada de preocupante. Certamente não iria chover.

Ao chegar ao asilo pedi que chamassem a menina Rita.

A menina Rita chegou muito bem humorada e sem bata. Trazia um vestido de chita azul claro e o cabelo apanhado. Se eu não fosse um homem tímido, pensaria que ela se tinha preparado melhor para mim.

-Bom dia, senhor Carolino.

-Bom dia, menina Rita.

-Espero que tenha passado uma boa noite –

disse, um pouco mais simpática do que seria necessário.

-Muito bem, obrigado. Estou encantado com Alcobaça. E a menina Rita, como passou?

-Muito bem, obrigado. - Rita corou um pouco e percebeu que eu reparei.

-Ele está à sua espera – disse, disfarçando desajeitadamente o embaraço.

Segui-a pelos corredores obscuros e brancos do asilo até chegarmos a uma grande sala onde estavam seguramente mais de 30 camas postas lado a lado. Impressionante. Apesar do cheiro a limpo e desinfectante, havia sempre uma sensação de doença e mal-estar. As janelas enormes, decoradas com as grades gigantescas, escuras e firmes. O tecto inatingível com candeeiros suspensos por fios eléctricos velhos e descarnados.

Segui a menina Rita até ao fundo do dormitório. Ao fundo, sem sombra para dúvida, avistei Simões. O “carrasco” da Vila Clotilde.

Era um gigante. Um homem enorme com um sobretudo preto até aos pés. Cabelo grisalho e

barba farta completamente branca. Calçava uma botas de trabalhador grossas e gastas. As mãos e rosto enrugados pela velhice. Mas, apesar de tudo, emanava uma força descomunal. Desconcertante.

Confesso que hesitei. Qualquer um hesitava ao chegar ao pé de semelhante homem.

Ele virou-se e olhou-me de frente.

Tinha uns olhos azuis muito claros, hipnotizantes. O nariz fino e maçãs do rosto perfeitamente desenhadas. Pensei que deveria ter sido um homem bonito.

-Senhor Carolino! - disse Rita.

Sem me aperceber estava parado à frente daquele gigante, calado e ofegante, durante os últimos cinco segundos.

-Perdão, menina Rita. Desculpe-me.

O homem deu um passo na minha direcção.

-Foi o meu irmão que o mandou? - disse numa voz monocórdica, rouca.

-Como? Desculpe, o que perguntou? - estava completamente aterrorizado.

-Você sofre de alguma doença? É surdo? É

meio aparvalhado?

Aquelas palavras despertaram-me todos os sentidos. Aparvalhado? Olha o cabrão do velho!

-Não, não sou surdo nem sofro de nenhuma doença. Repita a pergunta!

O homem olhou-me de alto abaixo.

-Foi o meu irmão que o mandou?

-Não.

-Então, sendo assim, é melhor falarmos noutra sítio. Acompanhe-me à taberna.

Rita estava lívida. Era a primeira vez que ouvia a voz daquele homem.

Segui o homem respeitando o passo lento dele.

Fizemos o caminho até à taberna em silêncio, escapando de algumas poças de água do caminho empedrado.

A taberna era um sítio horrível, sujo e fedorento com serradura espalhada pelo chão para tapar o vómito da noite anterior. Era cedo, mas já estava cheio de velhos asilados a beberem vinho em silêncio. João, o dono da

taberna cumprimentou-nos com um aceno da cabeça silencioso, sem esperar resposta. Limpou uma mesa junto a uma das janelas da taberna com um pano imundo. Dali via-se o rio e a suas águas sujas de sabão azul e branco e detritos de todas as formas. Viam-se ratazanas enormes a passear nas margens por entre todos aqueles despojos de lixo urbano.

Sentamo-nos e João trouxe um jarro de vinho tinto borbulhante. Francamente diferente do vinho da pensão.

-Quem és tu? - disse o homem, firme.

-Nuno Carolino. 1º Oficial de Justiça.

-Demoraste bastante a chegar.

-Não percebo.

-Estou à tua espera há cinco anos.

Aquela frase inquietou-me bastante. A verdade é que a barba farta não me mostrava cicatriz nenhuma do lábio até à narina. Seria este o homem que procurava?

-Você é António Simões, nascido na Figueira da Foz, Buarcos, freguesia de São Julião?

-Não sei. Não me lembro – disse ríspido e cuspiu para o chão.

-Não se lembra ou não sabe?

-Pode ser que seja.

-Você esteve em Luanda, na Vila Clotilde em 1974?

-Estive. Isso sei e lembro-me.

-António Simões, você é procurado pela justiça portuguesa e deve ser encaminhado a um juiz de direito, julgado pelos seus crimes contra o povo português. Percebe o que acabei de dizer?

O homem sorveu um copo de vinho de uma só vez.

-Porquê que demorou tanto? Não era necessário deixarem-me aqui a apodrecer como um verme tanto tempo.

-Quem é o seu irmão?

O homem serviu-se de mais vinho e voltou a esvaziar o copo de uma só vez.

-Não se faça de parvo. Sabe muito bem quem é o meu irmão.

-Como assim? Como é que eu poderia saber?

-Quem acha que nos mete nestes sítios? Acha que me vão deixar chegar vivo a um tribunal e dizer tudo o que sei? Acha mesmo que isso vai acontecer? Qual foi o nome que me deram?

-Carrasco da Vila Clotilde – disse, a medo.

-Pois, é isso. Sabes porquê, rapazola? Sabes o que aconteceu na Vila Clotilde?

-Não. Não sei.

-Pois não sabes. Se soubesses estavas aqui dentro asilado como eu, ó parvalhão!

-Você pare lá com isso de me chamar parvo!

-Vá lá, não fiques ofendido. Vá, isto não tem nada a haver contigo ou comigo. Somos só dois oficiais que obedecem a ordens. Eu tive um azar do caraças. Só isso.

-Porque o encontrei?

O homem riu-se grotescamente o que provocou um ataque de tosse, de catarro.

-Você encontrou-me? Ó João, aqui o parvalhão diz que me encontrou!

Fez-se um silêncio imenso na taberna. João olhou para o homem e acenou negativamente

com a cabeça.

-Aqui, não, chefe! Aqui não – disse João, quase a exceder o tom de voz.

-Calma, João, calma. Já acabou tudo, não vê? Perdemos a guerra. Fomos derrotados e agora é a vez deles serem os carrascos. Calma. Vamos continuar a beber e a falar um pouco. Pode ser, ó parvalhão?

-Mau...

-Tem lá calma. Ainda nem tocaste no vinho.

-Não costumo beber de manhã – disse, antipático.

-Fazes bem, fazes muito bem. Eu cá não. Evito comer de manhã porque me dá gases. Bebe lá, deixa de ser maricas.

O homem repetiu a cerimónia de se servir e beber de uma vez o copo de vinho. Ficou em silêncio a olhar para mim, como se eu não estivesse ali.

-O “carrasco” da Vila Clotilde... Ele sempre há coisas do caraças...- encostou-se às costas do banco e começou a ajeitar a barba espessa e branca com os dedos, sempre a fitar-me.

-Eu devo ser o terceiro ou quarto “carrasco” da Vila Clotilde – disse, pensativo – se estás aqui é porque os meus camaradas já foram capturados. Bem, nada a reclamar. Sempre supus que mandassem um “lobo”. Morte rápida e mais nada. Tu não. Vieste só para confirmar. Não passas de um merda de um pisteiro, um cheira-cús meio aparvalhado. Pensei que tinham mais consideração por mim.

-O que quer dizer? Quais camaradas?

-És mesmo um piegas do caraças. Ainda não percebeste que António Simões, Figueira da Foz, Buarcos, freguesia de São Julião é um nome de código para a guarda pretoriana do regime que teve por missão eliminar o máximo de provas e de pessoas que pudessem incriminar personalidades fascistas? Querias o quê, pá? Mais um julgamento tipo Nuremberga? Nem isso tu sabes? Quando se perde uma batalha fica sempre muita roupa suja para lavar. Se te mandaram e não mandaram um “lobo”, só quer dizer uma coisa:

Eu tenho alguma coisa que eles precisam. Portanto, jovem, começo a sentir-me francamente bem. João, mais vinho, por favor!

-Bem, não sei o que dizer. Se é um nome de código, deve ser secreto. Fala-me de guardas pretorianas e o diabo a quatro. Se é secreto como a sua ficha está preenchida com esses dados tão secretos? Diga lá! Aqui, à mão de semear do primeiro parvalhão que chegou. Diga lá!

O homem olhou para mim severamente. Senti um arrepio no pescoço.

-Quem sabia que você chegava ontem? O seu chefe? Com quem falou desde que chegou a Alcobaça? O parvalhão do director? Esse quando morrer só se apercebe três dias depois, o estúpido. Mais quem? Ah, claro. A Rita. A nossa querida menina Rita. Durante cinco anos acompanhou o meu caso e sempre me chamou pelo meu verdadeiro nome. Você chega e ela reconhece-me pelo meu nome de código.... Complicado, não é?

-A menina Rita? Mas... - eu nem queria

acreditar. De facto, ela era a única que tinha confirmado conhecer este homem.

-Você chega aqui à espera de um personagem do Kafka ou o caraças, é? Vá-se lixar – bateu com a mão direita na mesa – Queres saber o que se passou? Eu digo-te, mas não te vais pôr para aí com merdas, hã?!

O homem serviu-se de mais vinho, mas desta vez agarrou o copo firmemente, sem beber.

-Mandaram uma mensagem a dizer que tinham capturado um cabrão dum terrorista. A informação dizia que o gajo é que sabia por onde estavam a entrar as armas para os pretos. Vê lá o meu espanto quando chego à base na Vila Clotilde e dou com um capitão dos Comandos. Um capitão dos nossos. Branco. Loiro e olhos azuis! Eu não queria acreditar. O gajo estava sentado numa mesa a fumar. Começou a falar sem eu lhe perguntar nada. Não sei o quê de ser angolano, de ser de Benguela, de ter vergonha da bandeira portuguesa, que nós éramos todos fascistas, que andávamos a violar mulheres negras e a

matar criancinhas, sei lá. Aquilo começou a enervar-me. Eu disse tantas vezes para se calar, mas o gajo continuava com aquela ladainha. Disse-lhe que só queria saber onde é que os gajos arranjavam as armas. Começou a rir, a gozar comigo: -As armas são as tuas, bófia, as armas são da tua tropa!!! Disse tudo o que eu queria ouvir, que as armas vinham do nosso paiol e que a revolução já tinha começado e nada podia parar. Gritava frases comunistas e cuspiam para o chão. Mande-o parar tantas vezes, supliquei que se calasse. Mas não, continuou a ofender, a ameaçar-me até que ultrapassou todos os limites. Lembro-me como se fosse hoje. Virou-se para mim e deu-me voz de prisão! A mim. O cabrão deu-me voz de prisão por desobediência ao Comando das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola. Eu não tive culpa... Eu só vi que ele vestia a farda das Forças Armadas Portuguesas, patente de capitão e, quando me apercebi, ouvia um som estridente, um eco, o cheiro a

pólvora e o gajo com a cabeça toda desfeita, a estrebuchar no chão. Disparei todas as balas do carregador em cima do gajo. Todas. Filho da mãe que não se calava nem pelo caraças, porra. Queres-te rir, ó fedelho? Não é que vieram sei lá quantos gajos direitos a mim e prendem-me! Porra, exactamente como o gajo estava a dizer! Ouvia tiros por todos os lados, gritaria que íamos perder a base. Vi um carro de combate a abrir fogo contra tudo e contra todos, na rua. Meteram-me num jipe e levaram-me para o porto de Luanda. Era o fim. Toda a tropa entrou no barco e voltamos para Lisboa. 500 anos em África e nem tivemos tempo de apagar a luz à saída. Quando chegamos cá foram buscar-me e levaram-me para as Caldas da Rainha, preso. Depois tive uma crise de malária e só acordei num hospital que me disseram depois que era o Júlio de Matos. Quase sem saber vim para aqui e desde esse dia que estou à tua espera – agarrou no copo de vinho e bebeu de um só golpe.

-Você estava aqui no passado dia 4 de Dezembro de 1980? - perguntei.

-Não te faças de parvo outra vez, fedelho. Sei muito bem onde queres chegar! Eu estava aqui e é claro que me querem pôr essa merda em cima. Um bode expiatório... O “carrasco” volta a atacar! Filhos da mãe! Nem a porcaria que fazem conseguem limpar...

-Eu... eu preciso de pensar – era informação demais para mim. Sentia todo o corpo a tremer. O homem falava tão próximo de mim que lhe sentia o bafo de vinho, de cigarro...

A verdade é que não tinha como o levar preso, nem como confirmar o que quer que fosse. Senti uma leve tontura. Bebi o meu vinho de uma vez, imitando o homem.

-Ó parvalhão, desaparece-me da frente. Vai passar água fria na cara e desampara a loja. Vá. Estou farto de olhar para ti. Cresce e aparece, parvalhão do caraças. Porra, cinco anos à espera desta merda. Porra!

Eu levantei-me atónito. O homem dominou-me do princípio ao fim. Acreditei sem hesitar em

todas as suas palavras, mesmo as ofensivas. Chatice, que raio de feitio.

A menina Rita? O que ela terá a ver com isto tudo? Também será polícia? Se sim porque não teria sido ela a prendê-lo em primeira mão. Porquê trazerem-me aqui a Alcobaça? Tinha de falar urgentemente com a Rita. Mas ía perguntar o quê? A resposta dela seria suficiente? Decidi voltar para a pensão. Estava tenso e desconfortável. A imagem daquele homem, os modos brutos e ofensivos deram-me cabo dos nervos. Os detalhes da execução de um homem faziam dele o “carrasco” que eu procurava. O cheiro de vinho e tabaco da taberna estava impregnado na minha roupa.

Nem cheguei à pensão. Assim que saí da estrada lateral do mosteiro vi que havia um restaurante na esquina: O Restaurante Trindade. Era um restaurante amplo com um balcão único que dava volta à sala toda, sendo dividido por mesas encostadas ao balcão pelo lado direito. Perguntei pelo telefone e indicaram-me uma pequena escada que

descia em caracol na direcção às casas de banho. Aí estava o telefone. Discreto, pensei.

-Chefe. É o Carolino.

-Então, já deste com o gajo?

-Acho que sim. Mas, chefe, há alguma coisa que me deva contar que eu não sei?

-Qual coisa, pá?

-Chefe, este António Simões é um nome de código?

-Nome de código? Carolino, que história é essa?

-Sim, um nome para os gajos da PIDE!

-Carolino, você falou com ele? Disse ao que vinha?

-Sim, mas ele começou-me a explicar como estas coisas funcionam que a menina Rita do asilo está envolvida e que matou um capitão em Luanda...

-Carolino, você está ao pé dele?

-Não, chefe... - comecei a sentir o suor a deslizar pela cara abaixo – deixei-o na taberna. Ele mandou-me embora.

-Carolino, porra! O quê que você pensa que

está a fazer? Ele está a fugir neste preciso momento, sua besta quadrada!!! Vá já para lá, chama a guarda ou o caraças! Vai apanhá-lo agora!

Senti-me todo a tremer da cabeça aos pés. Não podia ser tão estúpido. Ele tinha razão, não passo de um parvalhão! Paguei o telefonema e corri esbaforido para a taberna. O dono da taberna estava atrás do balcão a limpar os copos com uma toalha imunda. Não disfarçou o sorriso.

-Ele... - tentei falar, ofegante.

-Ele quem, ó parvalhão?

Tudo rodava à minha volta, como um carrocel. Um homem daquela idade não podia ter ido longe. Não podia... sem ajuda. Talvez tivesse voltado para o asilo. O nó que sentia na boca do estômago provocava-me uma dor intensa. Corri pelos corredores do asilo à procura da menina Rita. Ela estava numa das enfermarias.

-Rita... Preciso de falar consigo já!

Agarrei-a levemente pelo braço levei-a para o

corredor.

-Rita, onde é que ele está?

-Estava consigo... você está todo a tremer, o que aconteceu, diga-me?

-Ele... Bem, acho que ele fugiu.

-Fugiu? Tem a certeza? - disse, hesitante.

-Sim, tenho a certeza. Fui um estúpido. Deixei-me levar como um miúdo e agora ele fugiu. O homem mais procurado de Portugal fugiu-me por entre os dedos, na Vila de Alcobaça... Porra!

-Venha comigo, vou ajudá-lo.

Saímos apressados do asilo e entramos no carro de Rita. Ela tinha um Citroen 2 cavalos, verde alface.

Rodamos toda a vila sem sucesso. Fomos até à Fervença, Ganilhos, Évora de Alcobaça, nada. Nem sombras. Um homem daqueles não passaria despercebido se tivesse cruzado alguma daquelas aldeias. Tinha de estar abrigado em casa de alguém. Essa ideia pareceu-me a mais nítida, mas, caso fosse verdade, seria também a mais perigosa. Quem

daria guarida a um ex-PIDE? Resposta simples: Um PIDE. A situação estava francamente fora do meu alcance. Tinha de ligar para Lisboa e falar com o meu chefe.

A menina Rita deixou-me à porta do Café Baú e marcamos encontro para mais tarde. Ela tinha de ir acabar os seus afazeres no asilo e voltaria para me ajudar a procurar o homem. Nesta altura, também ela estava metida num grande problema, visto que António Simões era um dos asilados ao seu cuidado e estava desaparecido à cerca de 4 horas. Dar a conhecer este facto ao director era algo que eu não queria assistir.

Entrei no café e perguntei onde estava o telefone. Liguei para Lisboa.

-Chefe, perdi o homem.

O silêncio foi avassalador.

-Perdeu o homem... Carolino, mete-te no primeiro comboio e regressa já para aqui.

-Mas...

-Cala-te, porra. Mete-te na merda do comboio e vem já para aqui!

Desligou-me o telefone na cara.

Estava completamente desconcertado. Sentei-me numa das mesas do café e pedi um bagoço.

Um homem aproximou-se. Tinha estatura média e fato completo. O cabelo penteado para trás com brilhantina.

-A sua cara não me é nada estranha.... Você já tinha estado em Alcobaça?

Olhei para aquele homem com alguma impaciência. Tinha a cabeça completamente tomada pelos recentes acontecimentos e a última coisa que queria era pôr-me à conversa de café.

-Sim, já cá estive antes.

O homem agarrou numa das cadeiras e sentou-se.

-Pois, dá-me ideia de que já o vi antes.

-Pode ser...

-É assim o mundo. Um mundo pequeno este que temos. Um gajo roda, roda e parece que vai sempre dar com as mesmas pessoas, não é?

-É, deve ser – respondi, já sem paciência.

-É uma chatice. Um gajo pensa que ninguém dá por nós e afinal toda a gente nos vê... pensamos que estamos sozinhos numa pensão e afinal há um gajo ao fundo da sala a marcar-nos. Andamos pelos lados dos asilos e afinal não estamos sozinhos...

-Mas, ó cavalheiro, qual pensão, pá? Qual gajo? Qual asilo? Que conversa é essa? - levantei-me.

-Calma, estou só a atirar conversa fora. Sei lá, pá, tipo um gajo pensa que está a fazer uma grande merda e afinal devia era meter-se num comboio e desamparar a loja, percebe? Antes que acorde com uma perna virada ao contrário...

-E era você que conseguia fazer isso? - encarei-o de frente.

O homem deixou-se ficar sentado. Levou a mão ao casaco e tirou um maço de cigarros sem filtro de forma a eu conseguir ver a coroa de um revólver.

-Eu? Eu não, que tenho pouca saúde. Uma

tuberculose chata que me obriga a vir às termas da Piedade todos aos anos. Uma chatice. Por falar nisso, se calhar também lhe fazia bem uma visita às termas, esta noite, às 20 horas, isto, é claro, se não for esperto o suficiente e se meter na merda do comboio para Lisboa. Mas uma ida às termas vai-lhe fazer bem que você anda meio pálido...

Eu não queria acreditar naquilo. O revólver, o encontro, este homem... Tudo parecia irreal.

O homem acendeu o cigarro, levantou-se e saiu sem olhar para trás.

Fiquei paralisado.

Fazer o quê? Ligar ao chefe? Apanhar o comboio das 18.11 horas para Lisboa? Ir ao encontro?

Voltei para a pensão na esperança de encontrar alguma resposta no conforto do quarto. Mas foi o contrário. Fiquei todo o tempo junto à janela, à espreita, vendo suspeitos com armas na rua, nos carros. Tinha a sensação de que toda a gente erguia os olhos na direcção da janela do meu quarto.

A menina Rita demorou bastante. Não me afligi muito porque já tinha decidido ir ao encontro e não obedecer às ordens do meu chefe e regressar com o rabo entre as pernas para Lisboa.

Quando ela chegou reparei que havia algo diferente nela. Uma postura mais decidida.

-Vamos – disse Rita.

-Aonde?

-Ao encontro.

Olhei de frente para Rita.

-Como sabe do encontro?

-Senhor Carolino, tente concentrar-se. É importante que perceba o que se está a passar. Venha comigo.

Esta mudança na menina Rita deu-lhe uma áurea de sensualidade. Reparei no corpo esbelto e bem desenhado debaixo daquele vestido de chita azul claro. Tinha um cinto de cabedal largo com uma fivela dourada que fazia com que o seu busto se destacasse, firme e voluptuoso. Era uma mulher bonita. Tinha os lábios carnudos e percebi que sorria

com os olhos. Uma forma pueril, mas sensual de sorrir. Os dentes um pouco desalinhados que lhe davam uma graça de menina. Menina Rita.... Havia, sem dúvida, algo de muito familiar no olhar dela.

Ela conduziu o carro em direcção ao mosteiro, passou em frente ao Baú, entrou pela rua do café Portugal à esquerda, dirigiu-se para a estrada velha para a Nazaré em direcção à Fervença. A viagem foi rápida. Ela conduzia absorta, como se estivesse hipnotizada.

-Menina Rita, posso tratá-la por tu? - disse, um pouco envergonhado.

-Pode, Nuno. Quero dizer, podes Nuno.

Os dois sorriram, tímidos.

-Rita, o que se está a passar?

-Olha, depois de te deixar no Rossio, alguém foi ao asilo falar comigo. É uma pessoa que eu conheço desde sempre. Eu estava muito ansiosa. Imagina darem-te o ficheiro de alguém que conheces durante cinco anos, mas desta vez com outro nome, outra origem...

-Ontem?

-Sim. Foi tudo muito rápido. O espaço de tempo entre a sua chegada, a visita ao director e mandarem-me chamar trouxe muitas surpresas. Primeiro disseram-me para não desmentir o director e garantir que aquela ficha correspondia àquele homem.

-Quem? Quem te pediu isso?

-Espera, Nuno, por favor. Só cometi um erro. Foi tudo muito rápido. Eu nunca devia ter mencionado o irmão...

-Pois, o irmão... Quem é esse irmão?

-Não sei, nem quero saber. A única coisa que eu estou a fazer é ajudar a garantir que o mínimo do que nós temos como estilo de vida vai ser preservado. Mas, a verdade é que eu só compreendi o que se está a passar ontem. Bem, para dizer a verdade, só hoje, depois de te deixar – respirou – Posso pedir-te para confiares em mim?

Respondi-lhe com um olhar e fiquei a olhar para a estrada. Senti um cansaço muito grande naquele momento.

As termas da Piedade eram um edifício antigo, do fim do século XVI, edificadas pelos monges como casa de abrigo de doentes a mando do Cardeal D. Henrique em 1566, mas restauradas somente em 1944. Os jardins malcuidados e a estrada cheia de buracos. À chegada, vimos uma luz numa das salas do rés do chão. O cavalheiro que me abordou à tarde estava à porta a fumar. Confesso que a minha antipatia por aquele cavalheiro me começava a turvar o pensamento.

Paramos o carro e dirigimo-nos a ele. Fez-nos sinal com a cabeça e entramos.

A sala estava vazia, somente com uma cadeira onde estava um homem de idade sentado. Reconheci-o do Baú. Era o Nabais que tinha mandado o tal Augusto da Vestiaria comportar-se.

-Boa noite, senhor Carolino.

-Boa noite – respondi, tentando memorizar tudo o que estava à minha volta.

-Quero agradecer-lhe ter acedido ao meu convite para este encontro. Ainda mais assim,

sem tempo para a formalidade que o seu cargo impõe. O senhor é 1º oficial de justiça, estou certo?

-Sou. Está certo.

-Senhor Carolino, veja lá que o convidei a vir aqui e nem sequer é para falar consigo.

-Não? Então é para quê, senhor Nabais?

-Vejo que sabe o meu nome... Ah, pois, o Augusto, claro. Pois, este encontro é para lhe pedir um favor.

-Um favor? A mim?

-Sim, um pequeno favor. Coisa sem importância, vai ver.

-Prossiga, estou a ouvi-lo.

-Sabe que estas coisas da guerra, das ditaduras são uma chatice de todo o tamanho. Muita gente não percebe que para se manterem as coisas bem sólidas, como a moral, os bons costumes, a Palavra do Senhor, a família, estas coisas essenciais, são necessários muitos sacrifícios. Uma luta constante, senhor Carolino, uma luta constante – disse, levantando-se e tirando um

cigarro que acendeu calmamente - Parece que anda tudo cego. Parece que ninguém vê que os comunistas andam como loucos para acabar com Portugal. Estão nas Forças Armadas, no parlamento, na Guarda, nas escolas e agora, veja lá, até na Igreja. No outro dia encontrei um padre comunista, Valha-me Deus. Pois é, senhor Carolino, com as coisas assim, com tantas batalhas perdidas, temos de nos proteger uns aos outros, nós, os verdadeiros filhos da Pátria Portuguesa. Claro que agora vão atirar-nos à cara que usamos meios sórdidos para defender o regime. Pois usamos. O desafio é grande, o inimigo mais forte do que julgámos a princípio. Se ao menos o Hitler tivesse ganho o raio da guerra – suspirou - Por isso, senhor Carolino, quero pedir-lhe um favor. Quero que ligue para Lisboa e diga que houve um pequeno engano. A pessoa que você encontrou hoje de manhã era um louco, só isso, um louco como tantos outros que temos aqui no asilo. Um pequeno erro que foi

resolvido ao encontrarmos a Certidão de Óbito de António Simões, nascido na Figueira da Foz, Buarcos, freguesia de São Julião, em 1918, cuja cópia você levará em mão. Faleceu durante o sono, vítima de doença prolongada, cancro no pulmão, resultado de anos a fumar compulsivamente. Compreende?

-Vão continuar a esconder um assassino?

-Ele não é um assassino. É um militar.

-Não tente dissimular a culpa deste homem. Ele tem de pagar pelo que fez.

-E ele fez o quê, senhor Carolino?

-Eu não sou juiz, senhor Nabais.

-E acha que o homem que o vai julgar e condenar é juiz? Juiz da Lei de quem? Um juiz que defende tudo o que nós rejeitamos, um juiz que defende um comunismo que nega Deus e Moral é que vai julgar um soldado que lutava todos os dias para você dormir sossegado à noite? O que quer que eu faça? Entrego o nosso companheiro, o nosso irmão ao inimigo? E para quê? Ele já foi julgado e condenado, senhor Carolino! Você é a prova

disso. Quantos mais como ele pensa que andam por aí? Que se sentam ao seu lado no comboio, no cinema, na praia? Quantos? Acha que nós desaparecemos por magia com o 25 de Abril? O senhor Carolino vai prendê-los a todos?

-Mas este é o “carrasco” da Vila Clotilde...

-Qual carrasco, senhor Carolino. Deixe-se disso. Comporte-se como um patriota, por favor. Todos nós fizemos o que tínhamos de fazer. A independência das colónias foi feita por brancos nascidos em África. Nasceram lá como? Diga-me lá? Nasceram lá porque o Império existia e imperava. Fizemos o nosso lado do acordo. Fomos os estivadores do Ocidente, senhor Carolino. Aceitamos não fazer parte da revolução industrial e cobramos o nosso preço: Independência, comércio, judeus longe de nós e sermos Europa! Mas isso não chegava, a bandeira não chegava, o hino não chegava e os feitos quinhentistas foram esquecidos. A guerra ultramarina não é nossa. É dos americanos e dos russos... O

mundo mudou e, infelizmente, as consequências estão à vista. Hoje temos o país a ser gerido por maçons, por judeus, por negros, mestiços, refugiados políticos, estudantes do Império que negaram a sua missão. Uma cambada de intelectuais sem fortuna e que a vão fazer, vão produzir dinheiro, riqueza a todo custo. Só para eles. Alguém vai pagar essa factura. Eu ponho-me a pensar sempre sobre estes rapazes que se põem a dizer coisas sobre Portugal. Portugal, senhor Carolino. Falam em democracia como se fosse um clube. Social democracia e democracia parlamentar, coisa bonita, essa. Todos nós temos que olhar para trás, para trás das costas, não vá haver um acidente, um infortúnio, um acidente de avioneta... Coisas da vida...

Fiquei pálido com a referência ao acidente aéreo. Não podia estar a referir-se a... Não, não podia ser.

-Mas, senhor Carolino – continuou - garanto-lhe que Portugal vai sobreviver, vai continuar,

esse tanto garanto-lhe.

A menina Rita caminhou lentamente e ficou ao lado do senhor Nabais.

-Nuno, fazes este pequeno favor?

-Sabem que depois de mim vem mais gente. Isto não vai parar até termos a cabeça de alguém numa travessa de prata...

-Sim, nós sabemos – disse Rita, firme - Tu não és o primeiro. Só que pensamos que serias diferente porque já viveste aqui. Tu sabes exactamente o que tentamos defender. Tu sabes qual é o nosso modo de vida.

-Sim, sei. Mas todos falam, falam e ninguém me pergunta sobre a minha bandeira, o meu hino, o meu modo de vida. Só porque passei alguns anos em Alcobaça todos assumem que eu devo negar todas as minhas convicções, as minhas obrigações. Claro que compreendo o que me pedem. Falta saber se o aceito. Para mim, um assassino é um assassino e deve ser julgado. Deve ser amarrado e posto a ferros, percebem? Se o regime caiu, se a pátria está em perigo é só acessório. A Lei existe. Pode

não ser a mesma, mas existe. Falam da queda do regime como uma catástrofe, mas a verdade é que o regime caiu muito mais por inércia do que pela revolução. Já viram esta palhaçada de revolução de cravos? Hã, viram? Revolução sem sangue, disseram. Sem sangue o caraças! Milhares de homens, mulheres e crianças perderam a vida nesta revolução, mas estavam longe da vista, longe do vosso modo de vida que tanto estimam, hipócritas de merda. Pedem-me que feche os olhos e não entregue à justiça o “carrasco” da Vila Clotilde. Muito bem. Mas todos nós vamos viver com a nossa consciência. Eu e vocês. O sangue nas mãos dele vai sujar as nossas, sabem bem... - comecei a andar em direcção à porta de saída - Imagino que têm a copia da certidão aqui...

-Sim, temos – disse Nabais – Senhor Carolino, nós não vamos esquecer este seu favor.

-Preciso que me diga uma coisa, senhor Nabais.

-Pergunte.

-Quem é o irmão?

-Não interessa quem é. Interessa você perceber que há um pastor que cuida de todas as ovelhas. Todos os dias...

-Ah, percebo. Por isso o “carrasco” falou num lobo...

-Sim, senhor Carolino. Uma pequena graça que estou certo de que nos vai perdoar.

-Garante-me que ele vai continuar morto, invisível?

-Não lhe garanto nada, senhor Carolino. Em tempo de guerra não se pode garantir nada! Ficamos breves instantes a olhar um para o outro em silêncio.

-Rita, leva-me à vila. Vamos antes que mude de ideias. Leva-me daqui, por favor.

Entramos no carro e Rita conduziu levemente até Alcobaça.

Fizemos a pequena viagem em silêncio.

Estacionou o carro em frente ao jardim do mosteiro. Os chorões e os canteiros de hortências ficavam magníficos naquela altura do ano. O céu estava estrelado e a lua

brilhava no céu como um diamante.

-Ficas comigo, Rita? - disse, seguro.

-Fico, Nuno. Fico contigo.

-Sabes que amanhã tenho de voltar para Lisboa...

-Eu sei. Vai a Lisboa e volta, Nuno. Vai a Lisboa, trata do que tens de tratar e volta. Volta para casa...

Ficamos os dois de mão dada por muitos minutos, olhando um para o outro e percebendo que aquele era o primeiro dia do resto da nossa vida.

Cinderela de Luanda ... Teatro

Numa noite fresca e tranquila de Luanda, lá para os lados da Rua Ndunduma, reparei que havia na estrada, junto a um carro, um sapato. Um sapato de mulher.

Podia ser somente um sapato, mais um objecto lançado para aumentar a grande pilha, a grande montanha de lixo que todas as cidades capitais do mundo produzem.

Porém, este sapato chamou-me a atenção.

Um sapato moderno, fino, verde alface, de verniz; salto alto metalizado, sofisticado, calçadilha prateada.

Abandonado, perdido, no meio de uma rua asfaltada.

Era um indício.

Uma dádiva.

A prova disso?

Estava ao meu alcance no meio do universo nocturno de Luanda.

Naquela noite, naquele momento, naquele sítio, encontrei o sapato de uma dama, de uma senhora, de uma mulher.

Claro que não poderia ser somente um lixo, um despojo, um detrito.

Tinha de ser mais do que isso.

Apanhei o sapato e notei, rapidamente, que estava em posse de um acessório de uma estória de amor, de um adereço de uma quente paixão, uma loucura sensual.

Logo eu, um lobo solitário, um predador de fome saciada.

Era mais do que óbvio.

Era evidente que eu havia encontrado o verdadeiro, o enigmático sapato da Cinderela de Luanda.

Ao pegar no sapato tomei-lhe a forma, o detalhe, o peso.

Compreendi.

Senti a magia que emanava daquele sapato.

Senti o que ele representava.

Cinderela, jovem, perfumada, corruptora de corações, ativa, feminina...

Uma mulher perfeita, dona das suas decisões. Viajada, com absoluta consciência do seu poder junto dos outros mortais.

Cinderela eterna e omnipresente, inspiração de tantas gerações.

Saída da sua realidade para o baile majestoso da imaginação de todos nós.

Cinderela Princesa, Cinderela apaixonada, bailando livre e encantada nos braços do seu príncipe.

Príncipe imaculado de coração de ouro.

Rodopia, Cinderela.

Dança, Cinderela de Luanda!

Dança, Cinderela de Angola!

Daqui a alguns segundos chega a meia-noite, a derradeira badalada, chega o primeiro segundo do novo dia, mais um entre tantos.

Mais um dia de táxi, mais um dia de pressa, mais um dia de olhar para o relógio.

Pensar nos filhos na escola, no jantar na mesa, na roupa estendida.

Mais um dia, Cinderela.

Dança, Cinderela de busto firme e queixo erguido.

Rodopia o vestido mágico, rodopia os teus panos com as cores africanas, encanta tudo e todos à tua volta, Cinderela.

Depois, nesse depois inevitável, voltarás a dançar, a cirandar pelo teu dia, vestida de coragem, força nos braços, amor e leite no peito, Cinderela de Luanda.

Cinderela de todas as cidades de Angola.

Dança, princesa.

Dança no Sambizanga, dança no Cacuaco, dança na zunga de todos os dias, Cinderela.

Dança no bidon de água, dança na fila do médico, no choro do menino.

Amanhã, prometo-vos, em posse do sapato encontrado, prova irrefutável da existência carnal da Cinderela de Luanda, da Cinderela de Angola, vou sair a perguntar se alguém a viu, se alguém conhece a minha Cinderela, a minha diva, a diva de todos nós.

É fácil, não pode ser difícil encontrar uma

princesa, toda ela cintilante, feliz e adorada, descalça de um pé, mas passo firme, rosto lindíssimo, entaçado fino.

Alguém tem de a ter visto!

Anda pela cidade, anda pelas estradas, pelos campos de Angola.

Se alguém a vir, diga que peço, diga que imploro que ela venha dançar comigo.

Venha dançar uma dança interminável pelo salão dourado do palácio da nossa vida, numa meia-noite que não chegará jamais e o encanto ficará...

O encanto ficará na magia de todos os dias.

Digam-lhe que volte, Cinderela de Luanda, da Rua Ndunduma, das ruas de todas as cidades de Angola, quase à meia noite de uma Luanda fresca e solitária.

Acto I

Cenário

(Palco - Um banco de jardim de metal verde escuro. Foco de luz branca e único incide directamente na Cinderela. Sem música)

Monólogo I

(Cinderela está sozinha, descalça, sentada nas costas de um banco de jardim, com os pés no assento, perto de um candeeiro. Vestido azul marinho com uma pequena renda azul esverdeada quase transparente, à altura do peito e no decote das costas. O vestido é longo e justo, sem mangas. O cabelo apanhado, brilhante, com um pequeno gancho verde alface e brilhantes. No pescoço um fio de ouro muito fino. Está a segurar um sapato.)

A baía de Luanda parece tão bonita vista daqui, nesta nova marginal.

Lá em cima, do Eixo Viário, a baía não me parece minha, como quando eu era criança. Agora parece distante e cinzenta, mete-me medo.

(Pausa breve)

Tudo me mete medo, ultimamente.

Parece que alguma coisa está mal comigo.

Tudo é um problema.

Os amigos mal aparecem, o dinheiro nunca chega.

O tempo... bem, se quiser ser sincera, já que estou sozinha, não tenho tido muito tempo.

Mas, no fundo, tempo para quê?

Estudar contra a vontade da família, mas que todos dizem que é obrigação:

-“Lutamos e morremos para vocês agora estudarem!”.

No dia seguinte, a família e amigos já foram embora e a conversa é outra.

Tempo de táxi, tempo de trabalho, tempo de almoço, tempo de dormir.

Não tenho mesmo tido tempo.

Às vezes, não quero mentir, tenho tempo e

nem sequer o sei usar.

Fico atarantada, perco a disciplina de estudo que já é pouca, ouço música que não gosto.

Uso mal o meu tempo, eu sei.

(Cinderela levanta-se e começa a andar para a parte de trás do banco de jardim, lentamente. Música calma ao fundo)

Agora, neste momento, descalça, olho muito mais para a baía do que para mim.

Olho para o contorno calmo da água na areia, sinto a aragem fresca e firme com cheiro de sal.

Nem sequer sei que horas são e nem quero saber.

Estava mesmo a precisar deste momento.

Um pequeno momento sozinha.

Só um momento.

(Cinderela vai para a frente do banco e olha para o público. Aumenta o volume da voz.)

Esta noite foi única.

Um convite de um cavalheiro, um homem.

Uma promessa de respeito e segundo encontro.

A esperança de um momento que alguém olhasse para mim.

Só um pequeno momento.

Alguém sofisticado, viajado, de um mundo melhor do que o meu...

Alguém educado, com bom gosto, sensível.

(Cinderela segura o sapato com a mão esquerda ao nível da cintura e gesticula com a mão direita ao nível da cabeça. Música de discoteca ao fundo. Luzes azuis, vermelhas e amarelas psicadélicas)

Foi tudo ao contrário.

Tudo combinado para nos encontrarmos numa discoteca no Miramar.

Eu não queria, mas o meu par disse-me que tinha uma surpresa.

Disse-me que se eu fosse, se eu aceitasse o convite, tudo iria correr bem.

Seria uma noite especial.

(Pausa introspectiva)

Ele não apareceu à hora combinada.

Esperei.

Burra...

Estúpida que fui...

(Cinderela bate na cabeça com a mão que segura o sapato)

Foi quando tudo começou e senti estar a perder a noção de onde estava.

Juntaram-se pessoas que eu conhecia de vista e outros amigos...

Todos amigos de outros amigos.

A música estava tão alta que não conseguia ouvir os meus pensamentos e todos fingíamos que nos entendíamos, num alvoroço de dança e empurrões, suor e gritos.

(Figurantes: Entram quatro jovens, dois rapazes e duas raparigas. Vestem roupa de discoteca e têm garrafas e copos na mão. Dançam atrás de Cinderela, muito próximos)

(Pausa. Os figurantes dançam exuberantes e riem alto, interagindo entre si)

Um equívoco, uma ofensa, uma violência sem necessidade, gente a cair e a baterem uns nos outros.

Penso, não tenho a certeza, penso que vi uma arma ou alguém a gritar que tinha uma arma e eu, aterrorizada, perdi o meu sapato, na corrida, na fuga, no choro.

O meu sapato, aquele que eu queria, aquele que eu comprei com o meu dinheiro, o meu sacrifício.

Pensei que me matavam.

Pensei que matavam toda a gente.

(Pausa ofegante. Cinderela deixa-se cair lentamente e fica sentada no chão, centro do palco. Os figurantes saem a correr, aflitos e a música pára lentamente. As luzes psicadélicas param)

(Volta a música calma ao fundo)

(Junta as mãos em sinal de súplica)

O meu sapato, igual ao que sempre imaginei e que alguém o fez perfeito, estava à venda e eu comprei.

A minha primeira vitória, a minha conquista, entre outras um pouco mais pequenas, comparadas com este par de sapatos magníficos que nem era preciso calçá-los.

Tanto tempo, semanas, meses, depois de os comprar, usei-os, pela primeira vez, no primeiro convite delicado e simpático, entre o trabalho, a universidade, a ida a casa para me preparar, a mentira à mãe, os sapatos da minha vida, altos e verde alface, salto alto metalizado e calçadilha prateada.

Os meus sapatos, o meu sapato, a minha noite, à meia-noite.

(Cinderela está exaltada, ofegante)

Começou tudo com um barulho assustador, luzes de todas as cores a rodarem à minha volta, vozes e gritos e eu, sem saber andar com os meus sapatos, quanto mais correr, pensei que morria, pensei que toda a gente morria e corri, corri pela minha vida, mas perdi um sapato e perdi o meu príncipe, o primeiro que olhou para mim e eu não senti medo.

(Pausa. Cinderela olha para o chão, vira as costas ao público e volta a sentar-se na posição inicial, mais calma)

Agora estou aqui, sentada num banco do jardim da nova marginal, sozinha e certa que

amanhã a minha vida será, tenho a certeza,
toda igual a toda a minha vida.

Menos o meu belo sapato, verde alface de
salto prateado e calçadilha metalizada.

A culpa é minha, convencida que posso viver.

Não posso, não é para mim. Tolice, paixonite
estúpida.

Logo eu, do Bairro Operário, filha da minha
mãe, que o meu pai já decidiu ter outros filhos
noutro lugar e ser pai de outros que ele ama
mais.

Logo eu, que não sou de falar com todos e me
enerva a maneira como os outros falam
comigo.

Não estou habituada a luxos nem a
mordomias.

Apesar de jovem, tenho feito tudo para ajudar
a minha mãe.

Evito problemas que a preocupem.

Sei que está sempre atenta e que me quer
ajudar em tudo o que pode.

Ultimamente tenho-a sentido preocupada,
arrelviada com alguma coisa.

Nós sempre nos demos bem.

Onde está uma está a outra, como uma equipa.

Mas já não sou a menina dos puxinhos e vestido cor de rosa.

Cresci e ela não entende isso, quer que eu fique para sempre debaixo das saias dela, ao alcance dela.

(Pausa)

Sempre gostei de viver aqui, conheço toda a gente, sinto que me querem bem, mas não sinto que me queiram melhor, mais forte.

Eu posso ser forte, ser grande aqui.

Esta é a minha casa, a minha gente, o meu B.O.

Não é isso que querem para mim.

(Cinderela volta a levantar-se e vai directamente para posição anterior e fala firmemente)

Pergunto-me e pergunto-vos!

Reparem que não saio daqui sem uma resposta:

O que querem de mim?

O que raio querem de mim?

(Pausa. Luz a 50%)

Fim do Acto I

Acto II

Cenário

(Cinderela está junto do banco de jardim. Existe, agora, um pequeno arbusto um pouco afastado para dar a sensação da distância. Luz a 50% sobre a Cinderela e a 100% sobre o arbusto onde está um homem escondido)

Monólogo II

(Um homem jovem, levemente embriagado, está atrás do arbusto e observa Cinderela. Está vestido com calças de ganga e uma t-shirt branca, algo suja e fora das calças. Usa sandálias. Tem uma garrafa de cerveja na mão esquerda. O seu nome é António)

Olha quem está ali! A Cindy! Estás a ver?

(Gargalhada)

As manias que és melhor que as outras, viste?

E agora estás para aí toda partida, descalça.
Vá, vira agora a cara, ó Cinderela!
Ninguém te chega aos calcanhares, né?
A chuva não te molha, hã?
(Dá uns passos para a frente do arbusto, cambaleante. Cinderela permanece quieta, sem o ver ou ouvir)
Eu sempre te avisei, sempre te disse que essas manias eram só fumo.
Ninguém era bom o suficiente para ti.
Querias mais o quê?
O príncipe encantado, era?
Num ruca bem artilhado, todo cheio da bufunfa, era, não era?
(Modos exagerados)
Está onde ele? Me diz, ó princesa, está onde?
Ser honesto e trabalhador não chega para ti?
Ser educado também não chega, né?
-”Sai daqui! Me deixa!”, gritavas.
E eu saía, Cindy, eu e a minha catinga, a minha carapinha, eu e a minha pobreza, as minhas mãos sujas de óleo.
(Pausa curta. Olha para as mãos, para a roupa

e novamente para Cinderela. Baixa o tom de voz, introspectivo)

Sempre saí, mas nunca deixei de te ver, ouviste?

Nunca deixei de te querer bem, de me preocupar.

Mas não.

Eu não chegava.

(Toca com força no peito e olha brevemente para o público, voltando a olhar para Cinderela. Levanta o tom de voz, quase agressivo)

Sabes que nunca roubei, nunca insultei ninguém, nunca quis mal a ninguém, sabes, você?

Claro que não sabes!

Você só sabes que eu não presto, que eu não tenho coisas, nem carro e, não sei se sabes, às vezes, nem tecto.

Pelo menos não tinha.

Agora tenho...

Venci.

Sozinho, Cinderela.

Sozinho.

Sabes lá o que eu passei...

Construí a minha casa com as próprias mãos.
Defendi-me sozinho de bandos de ladrões que
me roubavam tudo o que eu tinha se não
lutasse.

Os ladrões são a pior espécie de cobardes,
ouviste?

Claro que não ouviste.

Orfão com pai e mãe em vida, sabias?

Não.

Como podias saber?

Aqueles miúdos que chamavas para acartar a
água...

Ya, os meus irmãos.

Sim, criei sozinho.

Diz duvido!?!

Nunca lhes faltou nada.

Todos na escola e com comida na barriga.

O nome deles?

Não sabes, né?

Ya, estão bem.

O analfabeto do irmão mais velho não deixou

faltar nada.

O pobre do mecânico nunca faltou à reunião da escola...

Nunca lhes faltou uma roupa decente para irem à escola.

Nunca, Cinderela, nunca faltou nada aos meus irmãos.

Nem amor, nem respeito, nem igreja.

Para fazer os mambos temos que sujar as mãos, não é?

Os meninos são os meus meninos.

Só meus!

Agora é mais fácil.

Eles ajudam em tudo.

O meu pai perguntou por eles no outro dia:

-Kota, aqui não tem nenhum filho teu! -

Respondi.

Respondi bem?

Sei lá...

Fiz tudo sozinho, a limpar carburador, mudar pneu, ouvir e calar.

Sem ti, sem ninguém.

Mas por ti...

Não sabes, claro que não sabes!

Nem queres saber.

Valia a pena teres sabido?

Você?

Mudava alguma coisa?

Vejo que não.

(Breve gargalhada de desdém e pausa. Volta a olhar para ela)

Chora agora, Cindy, chora como uma desgraçada, tão desgraçada como todos nós.

Agora repara bem como estás:

-Linda, bem vestida, bem penteada, com charme e postura...

Alguma vez estarias vestida assim para mim?

Olhas-te agora e estás descalça.

(Levanta o tom de voz)

Ouviste? Alguma vez estarias vestida assim para mim?

Estás descalça, mais descalça do que eu!

Estás sozinha, Cinderela.

Tão sozinha como eu, meu amor...

(Pausa breve)

A minha princesinha do B.O, a “menina não

me toques que me estragas os postigos”, o nariz sempre empinado.

A malta dizia que eras uma m'boa que espreitava o céu para ver os do teu nível (riso). Mas não vias lá ninguém, né?

Só céu (riso).

(Pausa. Acalma-se e volta a olhar para as mãos)

As coisas que fiz para que me visses...

Nada foi suficiente.

Nunca será.

Mas, nunca te esqueças que eu te conheço.

Eu vejo quem tu és...

Todos estes anos a querer-te tanto, a amar-te, ouviste?

Amar-te do fundo do coração, como se a minha vida se reduzisse a isso!

Como é que tanto amor pode ser invisível?

Diz-me, princesa de lata, diz-me!

(Dois passos na direcção dela e novamente nervoso)

Tentaram tirar-te o que tanto proteges, foi?

Alguém quis tocar no tesouro guardado?

E afinal era um porco, um monstro, não era um príncipe, já vi.

O fato de galã e o alto ruca eram só fachada, né?

Era vento!

Esse camarada tem nome?

Sabes quem ele é?

Saiu d'aonde?

(Pausa)

Cinderela, não chores, agora é tarde.

Esse choro está a manchar a tua maquilhagem, a tua pintura, está mostrar a tua verdadeira cara e pode ser que não gostes do que vais ver quando te olhares no espelho.

(Pausa)

Pensa no que vais fazer.

Como vais para o Bairro Operário, hã?

Ainda vais inteira?

Ainda é tua casa ou és só uma perdida, sem casa, sem príncipe, sem tesouro, sem nada?

(Sugere que vai na direcção dela para a abraçar ou para que ela o visse, mas pára, baixa a postura)

Adeus, Cinderela de Luanda.

Tenho pena que o teu sonho tenha acabado assim.

Podia ter sido diferente, muito diferente, Cinderela.

(Pausa. Luz do arbusto a 50%)

Fim do Acto II

Acto III

Cenário

(Palco: Mesa de cozinha com toalha de plástico, motivos de flores, bastante colorida. Algumas bacias de várias cores na mesa e no chão. Um tipo de estendal de roupa improvisado corta o quadrante do fundo à esquerda do palco. Atrás, uma porta de metal de cor de zarcão vermelho. A porta está ao centro do palco, ao fundo. Outros objectos culinários e domésticos circundam a mesa, mas com maior incidência para o palco, de forma a estarem visíveis ao público)

(Suporte: Música-)

(Cena: Maria, mãe de Cinderela, está na cozinha de casa a lavar louça e a estender roupa. A ideia é estar distraída com os seus pensamentos e cometer alguns erros domésticos, algo desajeitados ou humorísticos)

(Maria está vestida com um pano típico, com rolos de cabeleireiro na cabeça e descalça)

Monólogo III

Como tem andado a minha vida ultimamente...
A verdade é que as pernas já me pesam e não tem sido fácil, não tem, não senhor.

Também, para dizer a verdade, ando com um aperto no peito.

Uma sensação estranha de que alguma coisa se anda a passar.

Doente não estou que vaso ruim não quebra, só amassa.

(Pausa breve. Põe uma mola da roupa na boca e dirige-se ao estendal)

A minha sorte é ter uma filha tão dedicada.

Passo semanas que nem me apercebo dela.

As minhas vizinhas andam sempre aflitas e com o credo na boca com as filhas delas. Bem acesas essas miúdas.

Olha só o decote, olha só as saias! Aiuê!

É melhor nem falar.

A minha não.

Em boa hora a chamei de Cinderela.

Sempre foi a minha princesinha, a luz da minha vida.

Nunca a ouvi a reclamar de nada, nem quando aquele desgraçado se foi embora. Filho de um cão!

Bem, está melhor agora com aquela caboverdiana que lhe chupa a massa toda.

Bem feito para aprender.

(Pausa breve. Mais uma peripécia)

Agora é que vê o que me fez, se é que se lembra, o desgraçado.

Engravidou-me com 18 anos e pronto, foi o que se viu.

Acabou a escola, acabou a praia, a matiné.

Que bem que dançava, o desgraçado.

(Pausa breve. Mão direita na cintura em posição introspectiva com gracejo)

Olha, caí eu, podia ter caído qualquer uma...

Sim, que ele não era nada de deitar fora.

Então fardado...

Eu também era bem jeitosa e que bem que me vestia. Ele bem me viu.

(Pausa breve. Mais uma peripécia)

Pronto, o melhor é continuar a desprezá-lo que é o que merece e é o que eu sei fazer melhor. Deu-me a minha Cinderela, isso também não é mentira.

Isso nunca vou conseguir pagar.

Ainda há dois anos, quando ela entrou no segundo ano da faculdade, eu me pus a pensar, se não for ela a dar-me alegrias, quem me vai dar, hã?

Deus tira com uma mão e dá com a outra, isso é que é isso.

Uma vida de trabalho, só para que não faltasse nada à miúda.

Nunca me deu trabalho com doenças, nem outras chatices, o meu anjinho.

Graças a Deus.

(Mais uma peripécia)

Hoje ela saiu com umas amigas.

Pois, também tem de se divertir e é mesmo aqui no B.O e quem lhe deu boleia é de casa.

É uma amiga que a mãe é tropa ou polícia. Gente séria.

(Pausa breve. Limpa as mãos a uma toalha e vira-se para o público)

Não lhe vou ligar, não, senhora, que ela ainda pensa que ando a controlar.

Ela tem juízo, não é como as outras... ou melhor, não é como eu, que caí logo ao primeiro galã das F.A.

Ela merece, coitada, não pára dia e noite.

Ou é isto ou é aquilo, mas está sempre atarefada.

Isso é que é ter juízo.

Não vou ligar.

Pronto, não vou ligar e acabou.

Se houvesse algum problema, ela era primeira a avisar.

Ainda mais aqui no Bairro Operário que toda a gente se conhece.

(Pausa longa. Canta um pouco da música ao fundo. Mais uma ou mais peripécias domésticas)

Já passamos tantas coisas juntas...

Bem, a maior parte das coisas passei sozinha.

Ía fazer o quê, hã?

Ela não precisou de saber nem precisa.
Quando fiquei grávida toda a família se virou
contra mim.
Logo naquela altura que eu precisava de
ajuda, não de tarefa.
Os meus irmãos queriam que eu desfizesse a
gravidez.
Bem, uns bons católicos que eles me saíram.
Construí tudo sozinha.
O que me custava mais era passar o Natal
sem os ver.
Nem quando a bebé nasceu eles quiseram
saber.
Só podia contar com um homem que não me
respeitava, que me batia e humilhava. Bem,
tudo melhorou quando vim para o B.O.
Sempre fui bem recebida e sem muitas
perguntas.
Os vizinhos...
Os vizinhos foram a minha família.
Ficavam com a miúda para eu ir trabalhar...
Sei lá, tantas coisas...
Lembro-me de chegar a casa e haver sempre

comida no fogão.

Nunca era ninguém, nunca ninguém confessou que tinha ajudado.

Quando perguntava respondiam:

- Onde não comem sete, não comem oito!

Uns doidos, esses vizinhos.

Todos com o mesmo sorriso, como se fossem família mesmo, daquela da barriga da mesma mãe...

Bem, ainda me ponho a chorar...

(Começa a dobrar algumas peças de roupa. Mais uma peripécia)

Para escolher o nome da minha filha até foi fácil.

(Agarra num pequeno molho de roupa e dirige-se ao público, de frente)

Eu tinha a certeza que havia uma fada madrinha que me ajudava, que me protegia. Quando, à noite, sozinha e exausta, não tinha ninguém para me ajudar ou animar-me, cheia de medo que ele chegasse todo bêbado, sentia muito sono e dormia.

(Põe a roupa na mesa e senta-se na cadeira)

mais próxima)

Coisa estranha essa, sempre que sentia mais medo, mais pânico, mais desespero, era quando dormia melhor e, sem sentir, as horas tinham passado e já era manhã outra vez.

Tinha de ser uma fada.

Uma fada madrinha.

Escolhi o nome de Cinderela para agradar à nossa fada que nunca nos faltou.

(Levanta-se e segue nos afazeres)

A miúda lá foi crescendo.

A fada nunca nos deixou.

Por muitas dificuldades que houvesse, no último momento, a solução aparecia, um dinheiro emprestado que já nem contava receber, um cabaz da empresa, um convite para passar a Páscoa em casa de alguma família amiga.

É verdade, não estou a exagerar.

Muita gente pensa que sofremos muito estes anos.

Sofremos, pois, quem não passava dificuldades naquela altura?

Mas, verdade seja dita, nunca sofremos muito. Não foi fácil, mas também sempre tive esta sensação de que tudo iria correr bem, que não era sofrimento, eram só dificuldades. Sofrimento é outra coisa e, Deus me valha, se eu sei bem o que isso é... Olhem para isto, uma velha que ainda acredita em fadas (Riso).

Diálogo I

(Cena: A música pára com o ruído de alguém a bater fortemente na porta)

Mãe

-Quem está aí?

(Som: Destaque sonoro às batidas na porta. Repetem-se as batidas duas vezes)

(Pausa breve. Larga tudo para o chão e vira-se para a porta, ficando de costas para o público. Postura de medo, pernas e tronco encurvadas, dando sinal de perigo. Recua alguns passos nessa posição)

António

- Dona Maria, sou o António. O vizinho da oficina das motas.

Mãe

- Quem?

(O tom de voz bastante alto e assustado)

António

- O António! Aqui do lado, Dona Maria.

Mãe

-E queres o quê a estas horas, cadengue?

(Muda a postura para mãos na cintura e ar de desafio)

António

-Preciso falar já consigo. É a Cinderela...

(Sem pausa. Reacção imediata e típica de Angola. O tom de voz muda para o desesperado, enquanto abre a porta e puxa o homem para dentro de casa)

Mãe

-Diz-me já o que se passou!

A minha filha morreu?!

Diz-me de uma vez!

(Sem pausa. Enquanto grita, rodopiam para a frente da mesa, centro do palco e de lado para o público)

(Suporte: Música- Solo de violoncelo ou violino, grave, denso

António

-Não, nada disso.

Ela está bem, mãe.

Ela está bem.

(Sem pausa. O homem tenta controlar a situação, com firmeza, mas fugindo aos puxões de Maria)

Mãe

-Estás a mentir!

Estás aqui porquê?

O que foi que aconteceu?

Não! Não quero ouvir!

A minha filha morreu!

Eu sabia! Eu estava a pressentir!

(Sem pausa. Maria larga os braços do homem com um empurrão e cai pesadamente de joelhos. Posição de prece. Grita)

Senhor, Senhor Meu Deus, mata-me a mim!

Não deixes que nada aconteça à minha filha.

Por favor, Senhor, mata-me a mim!

(Sem pausa. O homem, António, tenta levantá-la, firme, mas carinhosamente)

António

-Dona Maria, ela está bem, mas você tem de vir comigo agora.

(Breve pausa. Maria levanta-se com esforço e

aceita a ajuda do homem. O olhar dela está focado fortemente no outro. Choro baixo enquanto fala)

Mãe

-O que foi, diz-me, filho?

António

-Ela está na marginal, à frente do mar a chorar.

Eu acho que ela precisa de si. Mas, mãe, acredita, ela está bem.

Vem, eu levo-te.

(Pausa. Maria aceita o amparo do homem, António. Maria, sempre que fala, olha fixamente para a sua cara)

Mãe

-Mas, filho, na marginal?

António

-Sim, vem só, mãezinha.

(Sem pausa. Caminham lentamente em direcção à porta, de costas para o público)

Mãe

– O que ela está a fazer na marginal, filho?

– E tu, estavas com ela?

- Como sabes onde ela está?
- Vocês são amigos?

António

-Somos, somos muito amigos.

Vem, mãezinha.

Vai tudo ficar bem, vais ver.

Preciso que me ajude.

A Cinderela é a pessoa que mais precisa de ajuda agora.

(Sem pausa. Saem pela porta. Luz em todo o palco faz fade-out até 0%. Pára a música de fundo)

Fim do Acto III

Acto IV

Cenário

Cinderela está sentada no banco de jardim. Aproxima-se um homem bem vestido, fato completo, colares de ouro, pulseiras e relógio dourado. Sapatos finos.

O homem

-Cinderela, corri tudo à tua procura!

(Cinderela levanta-se e dá dois passos para a direcção contrária ficando de costas para o homem e de lado para o público.)

-Quando cheguei à discoteca tu já tinhas saído.

Disseram-me que estavas mesmo no meio daquela confusão.

Estás bem?

Alguém te aleijou?

(O homem tenta abraçá-la. Ela rejeita o abraço cruzando os braços.)

-Mas o que se passa? Diz-me lá. Anda cá,

deixa-me olhar para ti.

(Cinderela vira-se para ele.)

Cinderela

-Porquê que não apareceste à hora combinada?

Porquê que me deixaste sozinha naquele inferno?

O homem

-Mas qual inferno?

É a discoteca mais badalada de Luanda.

Cinderela

-Responde!

Quem pensas que és para me sujeitares a uma situação destas?

Pensei que morria naquela confusão, seu estúpido!

O homem

-Atrasei-me no escritório, foi só isso.

Epá, calma aí.

Assim não nos entendemos.

Tive ainda de ir a casa tomar banho e preparar-me, sabes como é.

Depois apanhei muito trânsito na Samba.

Cinderela

-E o telefone também foi tomar banho?

Custava-te teres o telefone ligado, sabendo que estavas atrasado e eu sozinha à tua espera?

Sai, vai-te embora!

Deixa-me!

(O homem dirige-se, sedutor, tentando abraçá-la.)

O homem

-Vá, desculpa-me.

Tens razão.

Olha, vais fazer assim:

-Perdoas-me porque sabes que nós homens não prestamos para nada, tiras essa cara e deixas-me compensar-te, está bem?

Aceitas?

Vá lá, não sejas assim, princesa.

Passei o dia todo ansioso para te ver e agora estamos para aqui a discutir.

(Ela diminui a atitude indignada e quase sorri.)

Cinderela

-Apanhei um susto tão grande...

No meio daquela confusão perdi o meu sapato, o meu lindo sapato verde cor de alface.

Vim a pé, aterrorizada e tu nem apareceste...

O homem

-Vá, acalma-te.

Está tudo bem, já estou aqui.

Encontrei-te, não foi?

Deixa-me compensar-te.

Cinderela

-Compensar-me como?

O homem

-Olha, vamos dar uma volta de carro, vemos Luanda a dormir e podíamos ir a sítio especial.

Diz lá, o que te parece?

Cinderela

-Especial?

A estas horas?

Achas mesmo que acredito nisso?

O homem

-Vá, não sejas assim.

Conheço uma pensão bem fixe.

O dono é meu amigo.

Vamos relaxar, banho de piscina, um som bem melado e passamos uma noite espectacular.

Só nós os dois.

(Cinderela dá um passo para trás)

Cinderela

-Estás a brincar comigo?

A tua forma de me compensares é tratares-me assim?

Achas que eu ía mesmo contigo para uma pensão no nosso primeiro encontro?

A tua forma de me compensares é tratares-me como uma qualquer?

Não, uma qualquer, não.

Pior!

Como uma qualquer burra e galdéria como a tua mãe e como as mulheres da tua família e as outras galdérias todas que tu conheces!

(Cinderela dá vários passos para trás, sempre encarando o homem)

O homem

-Eh, não abuses da sorte.

Lava a boca para falares da minha mãe!

(Ele avança abrupto com a mão erguida)

(Cinderela reage em posição de ataque, não de defesa)

Cinderela

-Vais bater-me, covarde?

Anda, vá, bate-me, covarde!

Bate-me agora!

(Cinderela dá a face em posição de desafio)

O homem

-Andas com olhinhos para mim e agora é o quê?

Toda derretida, bué de conversa e risinhos. Estás parva ou quê? É o quê? Queres dinheiro? Quanto?

(O homem leva a mão ao bolso, dando um passo atrás)

Cinderela

-Não acredito que me estás a fazer isto.

Filho da mãe! Cão!

E eu que pensei que podia confiar em ti.

Sai, sai daqui!

Vai-te embora!

Foi para isso que vieste à minha procura?

Para me lewares para a cama?

(Cinderela grita e corre pelo palco, para trás do banco de jardim, desesperada)

O homem

-Ó moça, mas é o quê? Estás com truques porquê?

Achas que eu ía dar importância a uma qualquer, uma mal amada do Bairro Operário para quê?

Para namorar?

Não sejas parva.

Queres andar de mão dada na marginal?

Queres que eu conheça o teu kubicó e dê beijinho na tua mãe lavadeira?

(Cinderela investe para ele . Ele segura-a pelos braços e controla-a, forte)

-Não te armes em esperta que ainda te encho essa cara de chapadas.

Andas com ares de senhora, mas eu sei o que tu queres.

Dinheiro no bolso é bom, né?

Ar condicionado e roupa fina é bom, né?

Sem problema, a minha mulher também gosta.

Agora, parece que tu ainda não viste bem o que eu quero...

Ainda achas que alguém como eu te vai levar ao altar?

Pode ser, nem sequer duvido.

Mas, camarada, dê por onde der, para saíres do B.O. só deitando, deitada bem deitada, de costas e sorriso na cara ou achas o quê?

(Cinderela luta e liberta-se)

(O homem gira sobre si e começa a ir embora)

(Cinderela senta-se no chão)

Cinderela

-Porquê que me estás a tratar assim?

Diz-me!

O que foi que fiz?

Todas as vezes que olhaste para mim foi só isso que viste?

Todas as delicadezas e simpatias era só para isso?

Nada mais?

Nem carinho, nem respeito, nem nada?

Nem por um segundo tu me viste?

E eu que pensei que te tinha visto, que tinha

visto para além da roupa, do carro... Pensei que podíamos ser amigos e, um dia, se tivéssemos sorte, teríamos uma chance de sermos felizes juntos.

O homem

-Nós?

Tu e eu?

Achas mesmo?

Que raio de ideia foi a tua, Cinderela?

Não viste logo que eu não podia ser solteiro?

Digo-te uma coisa muito a sério, tu tenta abrir os olhos, esta vida não é para meninas e se quiseres ter alguma coisa que se veja, começa é a treinar em abrir as pernas também!

(Cinderela começa a chorar mais baixo)

(O homem, já quase fora do palco, fala em tom bastante alto)

-Porra, só me fez perder tempo, esta cabra.

É a mania que eu tenho de me meter com estas candengues armadas que são gente.

(Cinderela está no chão a chorar baixinho com as pernas dobrada e a cabeça escondida entre os braços)

Luz a 50% sobre Cinderela

Fim do Acto IV

Acto VI

(Cinderela está no chão a chorar. O sapato na mão, visível ao público.

A mãe e António entram em cena. A mãe entra a correr e levanta a filha do chão.)

Mãe

-Filha, Meu Deus o que te fizeram?

Meu amor, o que te fizeram?

Cinderela

-Mãe?

-O que está aqui a fazer?

(Cinderela corre na direcção de António)

-Tu é que a trouxeste? Porquê?

António

-Eu pensei...

(Cinderela corre na direcção do público, ficando de costas para a mãe)

Cinderela

-Oh, mãe, eu não queria que me visses assim,

mãe.

Tu não!

Mãe

-Assim como, meu amor, assim como, diz-me?
(Cinderela vira-se e encara a mãe penosamente)

Cinderela

-Olha para mim, mãezinha, olha como eu estou...

(A mãe abraça-a e limpa-lhe as lágrimas do rosto com a mão direita)

Mãe

-Vem cá, amor, senta-te e diz-me o que se passou.

Cinderela

-Não queria que me visses assim...

Foi tudo tão rápido, lutas, gritos, luzes nos meus olhos, e eu só pensava em fugir, em correr.

Só pensava em chegar a casa e abraçar-te e pedir-te desculpa.

Mãe

-Filha, acalma-te.

Agora chega.

Agora é o momento de te recompores.

Fazes isso pela tua mãe?

Cinderela

-Mãe, conheci uma pessoa...

Eu pensei...

Ele ofendeu-me tanto, mãe!

(A mãe abraça Cinderela e beija-a na testa)

(António interrompe)

António

-Cinderela, alguém te tocou?

Diz-me que eu...

Cinderela

-António, não.

Deixa.

Obrigado por teres trazido a minha mãe.

Mas, como sabias que estava aqui...?

António

-Agora não, Cinderela, desta vez eu é que digo deixa, espera, falamos depois.

Confia em mim.

Fiquem à vontade...

(António recua alguns passos e fica na

penumbra)

Mãe

-Filha, meu amor, diz-me o que se passou.

Cinderela

-Mãe, eu não sei.

Acho que não sei.

Foi tudo tão confuso.

Desde manhã que tudo corre mal.

(Cinderela levanta-se e fica de costas para a mãe, encarando o público. Cabeça baixa)

-Mãe, eu menti-te.

Pela primeira vez na minha vida, menti-te.

Mãe

-E mentiste porquê, Cinderela?

Cinderela

-Menti-te porque não te quis dizer que vinha a um encontro.

Vim encontrar-me com um homem...

Mãe

-E que mal tem isso, filha?

Cinderela

-Na minha cabeça não era só um encontro.

Eu queria que fosse uma saída, um novo

começo...

Mãe

-Para longe de mim?

Cinderela

-Não, mãe, não diga isso.

Mãe

-Para longe de quê?

Do Bairro Operário?

Cinderela

-Não, mãe.

Eu peço tanta desculpa por me sentir assim, ingrata, logo contigo.

Sinto um aperto no coração, uma ambição de viajar, conhecer pessoas diferentes, interessantes, ir a restaurantes, ir ao Mussulo...

Mãe

-Filha, eu sou a tua melhor amiga, tu sabes disso.

Eu não levo nada disso a mal.

Antes pelo contrário.

Gosto que tu respeites o meu esforço destes

anos todos e que queiras melhorar a tua vida.

Cinderela

-Mas, mãe e tu?

Ficas sozinha?

Que tipo de filha eu sou se te abandonar?

(Cinderela senta-se e a mãe levanta-se calmamente abraçando-a gentilmente, encostando a cabeça de Cinderela à sua cintura)

Mãe

-Não fiques triste por uma coisa que nunca vai acontecer.

Tu nunca me vais abandonar.

Fazes parte de mim, do meu corpo.

(A mãe dá um passo na direcção do público, ficando com a mão dada com a filha)

Queres que a vida mude para melhor.

É só isso. Que tipo de mãe eu seria se não quisesse que tu melhorasses de vida?

Que vantagem teria?

Criei-te para seres forte, estás a ouvir?

Forte!

(Cinderela vira a cara)

(A mãe toca-lhe o rosto para que ela a encare)

-Olha para mim, filha.

Nunca baixes os olhos.

Nunca baixes os olhos a ninguém.

Nem a mim.

Principalmente a mim.

Eu sempre te protegi, mas a maior parte do esforço de tudo o que tens é teu.

Se, depois de tantos anos te sentes infeliz, aí sim, a culpa é minha.

Podes ter todos os sonhos do mundo, mereces, todos merecemos.

Sonhar em ser feliz é uma coisa, mas sonhar em ser feliz porque queres coisas, dinheiro, viagens, isso já me parece pouco.

Muita gente gostaria de ser rica como nós somos, minha filha.

(Cinderela levanta-se e vai para junto da mãe)

Cinderela

-Nós, mãe?

Ricas?

Olha para mim.

Aqui, descalça, um farrapo, sem amor próprio,

desesperada.

Como rica?

Mãe

-Olha, à tua volta.

Repara como tens toda a riqueza do mundo à tua volta.

(A mãe olha para o público)

-Tens a tua mãe, tens um amigo corajoso e sincero.

(As duas olham na direcção de António e voltam a olhar uma para a outra)

A água deste oceano não é suficiente para nos afastar.

Sou a tua melhor amiga.

Tens a tua história, a tua cidade.

Tens coisas que ninguém te pode tirar porque estão dentro do teu coração.

Hoje deste-me uma grande felicidade.

Cinderela

-Felicidade, mãe? Hoje?

Mãe

-Sim, saíste de casa uma menina a tropeçar nos cordões dos próprios sapatos e voltas

para casa uma mulher.

Uma mulher ambiciosa e consciente dos seus sonhos.

Cinderela:

-E tu?

Quando perdeste os teus sonhos?

Quando nasci?

Quando o pai nos abandonou?

Mãe

-Não.

Nunca perdi os meus sonhos.

Só que os meus sonhos são diferentes dos teus.

Os meus estão quase todos realizados.

Só falta um.

Cinderela

-Qual sonho, mãe?

Mãe

-Ver-te completamente feliz.

Nesse dia, nessa hora, eu terei alcançado o meu sonho, um sonho difícil de realizar, cheio de obstáculos, invejas, traições, que me fez

chorar muitas vezes e que também me deu muitas alegrias.

Quantas vezes tu adormeceste nos meus braços?

Consegues contar?

Quantas manhãs a primeira coisa que via quando abria os olhos era o teu sorriso?

Quantos beijos me deste, filha?

Quanto vale um beijo teu?

Quanto vale um abraço, uma atenção?

Vivo uma vida alegre, cheia de amor e amigos.

Tenho honra e respeito.

Filha, vestida desta maneira nem parece, mas ainda sou uma mulher.

Sinto-me uma mulher e, às vezes, ainda me sinto bonita...

(A mãe passa as mãos pelos panos, lentamente)

(Cinderela senta-se sorrindo)

-Não sou só a tua mãe, sou outras coisas também.

Tu não és só a minha filha, és uma mulher, jovem, cheia de sonhos e beleza.

Tenho tanto orgulho em ti.

(A mãe senta-se ao lado de Cinderela. Ficam de mãos dadas)

-Quando compraste os teus sapatos...

Cinderela

-Mãe, sabias dos sapatos?

Mãe

-Sim, filha. Andaste uns dias inquieta, impaciente.

Depois, numa terça-feira, chegaste radiante, correste para o quarto.

Eu primeiro pensei que tinhas recebido uma carta de amor, como nos meus tempos.

Cinderela

-Mãe...

(As duas riem-se um pouco, tímidas)

Mãe

-Depois tu saíste e eu fui ver o que era.

Fiquei encantada com aqueles sapatos verde alface de salto prateado e calçadinha metalizada.

Cinderela:

-Nunca me disseste nada...

Mãe:

-Era a tua conquista.

Percebi que era um segredo, pois, se não fosse, terias mostrado os sapatos. Fiquei feliz por ti, meu encanto.

Mas os dias foram passando e cheguei a perguntar-me porque não os usavas...

Cinderela

-Mãe, agora vejo que eram só uns sapatos, sem importância.

Mãe

-Não digas isso.

Repara na importância deles.

Estamos aqui juntas, numa situação de aflição e estamos a falar deles.

Falamos do esforço, da vontade, da conquista, da privacidade...

Falamos de esperança.

Cinderela

-Esperança de tudo ficar na mesma...

Mãe

-Nada vai ficar na mesma.

A tua desilusão vai fazer-te mais forte.

Amanhã de manhã nada será igual.

Cinderela

(Cinderela levanta-se)

-Sabes, mãe, de repente, senti que esta noite acabou mesmo por ser muito especial, tal como eu sonhei.

Mãe

-Porquê, meu amor?

(A mãe levanta-se)

Cinderela

-Por tudo.

Por tudo que tem realmente importância na minha vida.

(Cinderela vai a centro do palco, deixa o sapato no chão e levanta-se, decidida)

-António, estás aí?

(António vem)

António

-Estou, Cinderela, estou aqui.

Sempre estive.

Cinderela

-Será que algum dia vou conseguir agradecer-

te?

António

-Mas, Cinderela, eu não fiz nada.

Trouxe a tua mãe porque sabia que era a única pessoa que tu precisavas nesta noite...

Cinderela

-Não estou a falar de hoje, António, não estou a falar desta noite.

Estou a falar de todos os dias.

Sempre soube que me protegias, que eras tu que garantias que nada me acontecia quando chegava da faculdade, à noite, do emprego.

Protegias a minha mãe também, eu soube...

António

-Sabias, Cinderela?

Cinderela

-Sabia.

Tenho tantas coisas para te contar.

António

-A mim?

Cinderela

-Sim, a ti.

Só a ti.

(Os dois caminham devagar e ficam frente a frente, no centro do palco)

-António, podes levar-nos para casa?

António

-Posso, Cinderela, esperei a vida toda para que me pedisses isso...

Cinderela

-Vamos para casa, António.

(António dá a mão a Cinderela, passam junto à mãe e segura na sua mão e saem do palco os três de mão dada)

Luz a 50%

Aumenta o volume da música

Final

Conta-se nas ruas do Bairro Operário, em Luanda, que foi vista a Cinderela, a verdadeira Cinderela de Luanda, a passear na marginal numa fresca tarde de domingo.

(O narrador levanta-se com papéis na mão e dirige-se ao público, andando pausadamente, ajeitando os óculos na ponta do nariz)

Diz-se, nessas ruas, nos mercados, por todo o lado, que Cinderela foi vista na areia da praia da marginal de Luanda, a rir e a brincar com o seu príncipe, um jovem forte e orgulhoso, vestindo uma armadura brilhante feita de amor e sensatez.

Muitos são os que não acreditam.

Muitos são os que dizem não existir tal amor, que nunca existirá.

A esses eu peço, peço gentilmente, que se têm olhos que vejam, se podem ver que reparem, se podem reparar que sintam esse amor que vive entre nós, em todas as Cinderelas de Luanda, em todas as Cinderelas

de Angola.

*(Luz baixa até 10%. Música reduz até 0%.
Fecha o pano de cena)*

Fim

Mbaye, o Mucubal

Num dia que despontou mais uma madrugada feliz na província do Namibe, um pai foi para uma das imensas planícies da região Mucubal para ver o sol nascer e, serenamente, contemplou a imensidão da sua terra com um orgulho especial. Nessa manhã, ele trazia nos braços o seu filho que nascera na última luz do dia anterior.

-Filho, a mãe que te nasceu pediu-me para dizer em voz alta ao mundo quem és e aquilo que é teu.

O sol despontava esplendoroso e a vida agitava-se pelos pequenos pastos que se viam à distância. Os sons da vida preenchem o coração dos dois.

A Terra recebia em glória mais um filho da tribo Herero.

-Filho – disse o pai - A tua mãe contou-me que quando nasceste, depois do teu primeiro choro de ar, que sorriste para ela. Ela olhou para as mulheres que a amparavam para te fazer

nascer e confirmou que a reconheceste. Ela disse-me: -"Pai, este filho é teu. É um guerreiro e vai ter uma vida feliz."

O pai continuou a falar com o filho em voz alta: - A tua mãe lavou-te com o sebo de boi para te proteger das doenças e abraçou-te contra o peito fértil para que soubesses que estavas seguro, que estavas onde tinhas de estar. O teu lugar.

O pai ergueu-o a favor do sol que nascia.

-Filho, a tua mãe cortou o cordão que te ligava a ela e enterrou-o no chão da casa onde nasceste. Cobriu-o com as fezes secas dos bois que trouxeram a nossa riqueza para garantir que irás continuar a tradição. Serás sempre filho e dono desta terra.

-Filho, o primeiro homem que te tocou fui eu, teu pai, honrando os nossos antepassados, para te dar os meus braços e as minhas pernas, o meu sangue, a minha força.

-Filho, dou-te tudo o que é meu e é muito. És um Herero.

-Hoje vou dar-te o nome ao qual responderás

durante todo o teu caminho. És Mbaye, o Mucubal.

-Hoje vais comigo iniciar a tua vida que é de todos. Vou ensinar-te a viver, a dividir, respeitar as tradições, cuidar do gado e de todos os animais que honram a nossa vida com a sua morte.

-Vou dar dois bois e duas vacas a um vizinho, mas são teus. Serão a tua garantia para quando casares. Todos os animais que nascerem deles serão teus. Vou-te ensinar que caçar é tarefa dos pobres e peço-te que me prometas que jamais o farás. Vou-te ensinar a contar para saberes sempre a riqueza que tens para dividir. Um homem só tem o que tem, fruto do seu trabalho, para dividir. A tua riqueza será tão grande quanto grande será o teu coração.

-Hoje divido-te com a família, com os amigos, com o mundo, Mbaye. Benvindo à tua casa e agradeço-te por dividires a tua vida comigo.

O homem aninhou o frágil filho nos braços e voltou para a sua casa, mas ele disse em voz

baixa ao filho:- “*Onjuo*”.

Sabia que o tinha de apresentar a Deus que é só Um e aos antepassados que são muitos.

-Filho – disse o pai a chegar ao “*Okurowo*”, sítio central e de adoração do fogo divino e da memória dos que já não estão mais – Este é o fogo que nos acompanha por todo o mundo que é nosso. Vais levá-lo e preservá-lo sempre. Este fogo é a única certeza de que a vida existe antes e depois de nós.

-Aqui encontras o meu pai que tem “*OmacuinheEpanduhavale*”, sim senhor, setenta, setenta anos de idade, mas tem também mais de “*Ecuinhy*” mulheres. Dez, dez mulheres, sim senhor. Todas férteis.

O ritual de apresentação foi-se prolongando e a manhã estava a acabar.

O menino dormia agora nos braços da mãe e era observado por todos os familiares.

O som das bombas e o roncar dos carros de combate sul-africanos ouviam-se ao longe. A artilharia das FAPLA respondia com fulgor.

O céu cobria-se de pólvora, pó e medo. Os

homens agitaram-se e chamaram todos para prepararem a sua defesa. O pai foi chamado de chefe e levantou-se num gesto de despedida.

A mãe perguntou: -Pai, falaste disto ao teu filho?

O pai respondeu: -Não. É a guerra dos brancos e dos negros. Nada temos com a desgraça alheia. Nunca teremos. Nós somos Herero, Mucubais, Himba, Dimba.

-Mulher, fala de mim ao Mbaye, nosso filho, nosso príncipe. Tu, minha rainha, lembra-te de mim.

Nesse dia que aquele Rei Herero voltou morto e estropiado, os homens e as mulheres de toda a região prestaram homenagem ao seu mais destacado líder e, conforme era sua vontade e tradição, mataram “*Omacuinhe a Tanu*”, cinquenta, sim senhor, cinquenta cabeças de bois para que rodeassem a sua sepultura e garantissem que os maus espíritos jamais o acordariam do descanso merecido.

Foi esse o dia, de uma manhã esplendorosa, o primeiro e o último que Mbaye ouviu a voz do seu pai, a voz dos Hereros, Mucubais, Himbas e Dimbas naquelas terras maravilhosas do Sul de Angola.

O Último Pecado

Numa noite escura e sem chuva, sem vento ou premonições, daquelas noites que não têm sonhos no meio, um jovem levantou-se da sua cama com rumo certo.

Nunca nada havia acontecido na breve vida dele. Só um pedido de seu pai.

Saiu de sua casa na longínqua localidade daquela “Benguela sem nome”, chamada de Chongoroi ou perto disso.

Outros só diziam Chongoroi, terra de todos os que saíram de lá, terra de ninguém dos que ficaram.

Ele, este menino do Chongoroi, estava pronto para cumprir uma missão de alma.

Coisa estranha ter a alma agarrada ao sono, às pernas, ao estômago. A alma agarrada à bexiga e ao despertar, daquelas dores de dar corda antes de dormir.

Que alma era essa que ele tinha do alto dos seus 14 anos? Nem ele sabia.

Mas tinha uma missão, missão de alma, e não tinham ainda inventado os obstáculos nem peripécias para o impedir de a cumprir.

Queria ser o primeiro a chegar à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, centro da alma e da cidade de Benguela. O seu pai tinha pedido esse tanto e esse tão pouco.

Foi o primeiro a chegar à Igreja naquela manhã de acácias rubras.

Naqueles tempos, a cidade não tinha data. Era só Monbaka, Benguela.

Chegou e bateu à porta da sacristia da Igreja do Pópulo. Ninguém respondeu.

Esperou. Pouco tempo, pensou.

Aquilo que o trazia, aquela missão, não tinha tempo nem tamanho. Esperou.

Esperou pouco tempo para quem tinha tantas horas de andar a pé, tantas horas de cangote

de burro, tantas horas de perguntar se estava ou não a fazer o correcto. Sabia que estava a obedecer a seu pai.

Foram muitas as horas e percebeu que tinha feito mal as contas daquela caminhada e que os pés eram bem mais frágeis do que a quantidade de água que trazia, que a caminhada era bem maior do que *bombó e banana que trazia no saco de pano a tiracolo. Ajudou o pouco de *paracuca que pediu à irmã e que ela ofereceu sem esperança de ver devolvida...

Mas, esperar, quando se chega ao destino, é o menor dos tormentos, bem sabemos.

Finalmente, passado tanto tempo de bater à porta da Igreja e do tempo que ele tinha para esperar, chegou alguém.

-Ao que vens, rapaz? - perguntou uma voz.

-Preciso de falar com o senhor padre antes da homília matinal. Por favor, pode anunciar-me?

- disse o jovem.

-Duvido que o atenda antes da missa. Porém,

diga-me a quem e o que devo anunciar? -
rematou uma freira do outro lado da porta.

-Diga-lhe, Irmã, Senhora freira, que o meu pai descobriu um erro no discurso do padre, peço perdão, no discurso de Deus. Trago-lhe em primeira mão O Último Pecado!

-Erro de quê? - disse a freira – O Último Pecado? Jovem, pensa bem no que te sai da boca...

- Senhora, faça assim. Se, de facto, me quer ajudar, diga que meu pai abriu um debate que ele, quero dizer, o senhor padre, não está preparado para resolver esse erro se continuar a seguir o que está escrito no Livro Sagrado. É urgente levar esta preocupação para evitar que o nosso sacerdote, o nosso padre, cometa mais erros! O meu pai tem razão, confesso.

A freira olhou-o e percebeu que tinha de

amarrotar umas bofetadas ao miúdo. Impertinente, pensou. Menos do que umas bofetadas era pouco.

A freira abriu a porta da sacristia e puxou-o para dentro com um safanão. Avançou para ele, impiedosa.

O rapaz aceitou os açoites na cara, no ventre e outros açoites que é desnecessário descrever. Da mesma forma que encarou o caminho da estrada, assim encarou o castigo talvez merecido de quem ultrapassa o limite daquilo que não compreende.

Quando a freira se cansou de o agredir, açoitar, amaldiçoar ele disse, exausto: - Irmã, Minha Senhora, Dona freira, ai de mim. Agora que provou que você manda aqui, pode chamar o senhor padre?

A irmã ficou atónita. O raio do miúdo não foi abaixo, não pediu perdão, nem tentou correr de cotovelos em cambalhotas de fugir para longe das vergastadas.

A Irmã não achou que era um milagre! Achou

que era um desafio, mais uma prova da necessidade da presença dela e das outras irmãs naquelas terras de Benguela, do Pópulo, de África, do Mundo. Tanta pancada não havia de ter sido em vão.

Primeiro não sorriu.

Depois fingiu um sorriso e perguntou:

-Queres falar com o senhor padre antes de ele dizer tolices, não é?- disse a freira – Este é o teu pedido?

O rapaz ainda conseguiu responder: - Se eu responder a verdade, a senhora bate-me outra vez?

Ela olhou para ele sem o tal sorriso.

-Não. Se disseres a verdade, só a verdade, não te bato... Qual é a pergunta?

-É uma pergunta simples, Senhora Irmã e freira, e nem é em *Umbundu.

A freira sentiu o desconforto da afirmação. O rapaz falaria na língua materna da freira,

falaria no português formal de Deus, cortesia que ela jamais poderia retribuir. Nem em Umbundu nem em nenhuma outra língua deste Mundo que não fosse português. Jamais.

Continuou o jovem: - O meu pai acredita em Deus. O meu pai é homem muito crente, mas não vai à Igreja, não participa em qualquer culto cristão, católico-apostólico romano, nem como cristão não-praticante... nem de outras que falam em inglês e outras línguas que dizem que são protestantes. Nada. Diz que acredita em Deus, mas nunca quis falar nisso. Tivemos uma conversa simples, eu perguntei-lhe: - Pai, acreditas em Deus? Ele disse que sim, que acreditava profundamente. Mais que tudo.

O jovem disse: - Que coisa rara, senhora Irmã e freira, um homem acreditar em Deus e não O honrar e Obedecer. Um dia, o meu pai disse-me: - Quando o chinês comeu o meu cão no Bairro Benfica.

Temos ouvido, nestes últimos tempos, tantas coisas, tantos comentários contra a xenofobia. Uns contra a segregação, outros a favor do diálogo, da interacção das culturas, dos povos e da boa-vontade mundial, que tenho dúvidas sobre o que quero relatar agora.

Nada de especial, longe de ser uma perseguição racista, social ou política, mas um incidente isolado que pode dar mote para debate sobre quem é quem neste mundo.

Dei comigo a pensar quem é o “alho” e quem é o “bugalho”.

Passou-se um incidente pelos lados de Benfica.

Uma família angolana, verificando que tinha necessidade e capacidade financeira para fazer umas obras lá em casa, entendeu contratar “uns chineses” para mudar algumas coisas no quintal, fazer obras na casa de banho dos anexos e, porque não confessar, um depósito de água subterrâneo de 3.000

litros que isto da água dá trabalho pelas nossas bandas. De Cabinda ao Cunene, do mar ao Leste. Um só povo, uma só realidade de fornecimento de água... Outras conversas.

Lá vieram os chineses e começou o diálogo:

-Bom dia – disse o nosso interveniente principal cuja identidade vai ser mantida secreta.

-Bom dia, amigó! - disse o chinês, que vai ser o nosso interlocutor devido à profunda falta de habilidade lusófona dos outros... 15 chineses.

-Camarada, aqui não é para inventar nada. Azulejos e torneiras novas na casa de banho do anexo e um depósito de 3.000 litros de água muito bem feito que eu não quero chatices!

-Sim, amigó! Torneirá e depósitó! - disse o chinês.

-Quantos dias para fazer isso?

-Dias térés!

-Oi?

O chinês viu-se obrigado a mostrar 3 dos seus

dedos da mão direita.

-Ok. Quando começa?

-Começá hoji!

-Hoje é sexta-feira, pá. Chatice. Bem, está bem.

-Você sai. Chinês fica, dias térés.

-Mau, não posso ficar em minha casa?

-Não, água fecha. Luz fecha. Nada. Amigó sai! O nosso camarada olhou para o chinês. Lembrou-se que eles só teriam acesso aos anexos e quintal. O preço que o chinês pediu era bem mais interessante do que ele estava a contar.

-Ok. Eu sai. Chinês fica. Três dias – mostrando três dos seus dedos da mão carnuda e enfeitada com uma bela pulseira de ouro.

Lá foi a família honrar os familiares com a visita demorada sempre adiada.

Três dias, três simples dias.

No domingo à tarde a família reuniu-se,

agradeceu, despediu-se e rumou a casa para verem a obra, o resultado. Principalmente para prepararem tudo para segunda-feira, dia de escola dos putos e de trabalho dos adultos.

Mas sair de uma casa angolana sem a saídeira, sem o abraço, sem o repeteco de cerveja, não seria uma despedida conveniente.

Eram 17.50 horas de domingo quando esta família chegou a casa, lá para os lados do Benfica.

-Amigo chegó! - disse o chinês orgulhoso da obra concluída.

-Cheguei, cheguei... Vá, mostra lá o que fizeste – disse, sem grande entusiasmo e a língua a desobedecer um pouco.

A família foi andando, rodando e verificando tudo, principalmente o depósito de água.

De repente ouviu-se um grito. Um grito assustador e sofrido, do fundo do coração de uma criança:

-Ó pai, o nosso cão fugiu!!!

Toda a gente a olhar uns para os outros a modos de perceber o que se passava.

-O cão desapareceu? Como assim?

-Não está na casota, pai! O nosso cão desapareceu!

-Mas nós temos cão? - pergunta o pai, olhando para a mãe.

-Pai, o Bobby. O nosso Bobby!

O pai olha para a mãe. A mãe olha para o pai e franze o sobrolho na direcção do chinês. A porta da casota escancarada a olhar para os dois.

-Ó camarada, onde é que está o meu cão? Estás a ouvir, camarada? O meu cão?

-Nao, cao. Cao acabou! - disse o chinês a sorrir.

-Acabou? O meu cão acabou? Mau, onde é que está o meu cão? - o nosso herói começa a elevar a voz.

-Cao não está mais. Nao cao! Cao foi! - disse o chinês sempre a sorrir, mas a perceber que era caso de se começar a preocupar.

O miúdo grita ainda mais alto:

-Pai, eles comeram o meu cão! Eles Comeram o Bobby!

-Marido, faz alguma coisa que eles ainda nos comem a nós todos! - grita a esposa em pânico.

O pai começa a rodar pelo quintal. A porta da casota escancarada continuava a olhar para ele!

-Daqui ninguém sai sem me apresentarem o raio do cão!

-Marido, será que eles comeram mesmo o Bobby? - disse a mulher, ofegante, a agarrar a cabeça do filho mais novo no peito.

-Aqui ninguém come cão nenhum, nem chinês, nem vietnamita, ninguém!

-Amor, vai buscar a pistola. Olha que eles são muitos e ainda te dão um golpe de karaté, como o Bruce Lee, o primo do Jackie Chan! Socorro que nos matam!!!

-A mim? A mim? Ó chinês duma figa, está a ameaçar-me?

O chinês percebe que algo está mal e começa a gritar, a chamar os outros chineses, todos

assustados, com as mãos na cabeça, numa correria sem nexos.

Os muros do quintal pareciam as muralhas da fortaleza, a Muralha da China.

A esposa corre e segura um chinês pelo pescoço e pede ajuda:

-Acudam que ele me mata!! - num grito aflito, mas quase esganando o pobre do chinês que não conseguia fugir daquele grampo fatal de braço de funge de bombó.

-Socorro que ele me mata à frente dos meus filhos!!! Socorro, marido! - gritava, poderosa, já sentada em cima do primeiro chinês e a escalfar o segundo por uma orelha.

Era tanta a confusão que a vizinhança acudiu e cada um berrava mais que o outro, cada um dava mais um cascudo nos chinocas, fora os bicos, mordidelas e arranhões.

Todos menos um, o vizinho do lado, atrasado como sempre, chega caminhando firme com um cão pela coleira.

-Parem todos, senão largo o cão – bradou, controlando o cão que latia feroz na direcção

de todos.

Naquele grito alguém pára e pergunta:

-Ó vizinho, você tem cão?

-Não, este é o Bobby. Estava com sede e os chineses levaram-no para eu lhe dar água e comida que a eles o cão só ladrava e a mim conhece-me bem...

Toda a gente pára.

O cão solta-se da coleira e corre divertido para o filho mais novo. Os dois, cão e criança, dois amigos da primeira hora, abraçaram-se, beijaram-se, lamberam-se e rolaram pela relva num reencontro perfeito, dividindo saliva e suor.

Um milagre. Um verdadeiro milagre...

No final, somente 6 dos chineses estavam no quintal.

Os outros fugiram.

Estes 6 desconseguiram. Cansados, batidos, moídos de chapada à queima roupa.

Foi difícil para o nosso herói, o nosso pai, encontrar as palavras certas para se desculpar ao chinês, melhor, a todos eles... Desculpar-se por si e pela sua família, tal como por alguns dos vizinhos, que outros ficaram só a ver. Não foi só pela falta de vocabulário mandarim, pela lacuna verborreica das línguas dessas paragens, mas foi principalmente pela inquietação e despeito do chinês.

A obra foi feita e entregue, isto ninguém pode negar. Casa de banho e depósito. Torneiras e tudo.

O cão, o Bobby, está em vida nos braços do seu pueril companheiro.

O que sobrou para o nosso competente chinês?

Perseguição e agressão... Infâmia.

Bem, deveria estar a pensar o chinês, que “na vida só as paredes não se encontram” e, na primeira oportunidade, na primeira ocasião que apanhar aquele angolano, outro angolano, aquela família angolana, outra família que fosse, mas angolana, assim que os

apanhasse, com ou sem cão, que lhes pusesse a mão em cima, mas desta vez do outro lado da Muralha, da muralha dele, então eles íam ver o que é um grampo de Kung Fu e o quanto a arte da capoeira é só vento – pensou, certamente, digo eu...

Por muito que tentassem, não conseguiram explicar o quanto lamentaram este incidente. Um incidente simples, muito mais canino do que xenófobo.

Termina aqui este relato, um tanto emocionado, é certo, na expectativa de vos dar alguma luz sobre o que se passa nas relações dos povos, não nos palcos internacionais com visibilidade mediática, mas já ali, mesmo ao lado de casa, para os lados do Benfica, por exemplo "Filho, eu acredito em Deus, mas não simpatizo com Ele. Ele não é um bom amigo. Ele não tem sabido ser comigo aquele amigo que eu sempre fui D'ele... O Deus que eu acredito tem feito coisas que eu

não faria nunca. Deixa as pessoas à sua sorte, sacrifica tudo e todos. São tantas as coisas... coisas que eu não faria, nem tu, meu filho, criado por mim e pela Palavra D'Ele".

A freira sentou-se a ouvi-lo.

-O meu pai continuou – disse o jovem - Filho, eu tenho pensado que Ele, o Nosso deus, existe mesmo, mas, apesar de seres tão jovem, será que consegues perceber que nós os dois faríamos melhor, à nossa medida? Percebi que o trabalho de Deus é diferente do que pensamos. O trabalho de Deus é Ser Deus, O Deus ou os Deuses, são o que são... Nós somos os que somos. Eles não têm tido tempo para dar atenção a estas terras do Chongoroi, mas continuo a acreditar N'ele, Meu Deus e Meu Criador. Amanhã de manhã vamos lavrar o lado oeste da nossa fazenda. Será que Ele virá connosco? Não Virá, estou certo. Acho que não Tem tido tempo... Posso pedir-te, meu filho, que acordes cedo e saias

sem bagagem para Benguela? É um pedido simples do teu pai para que me tragas boas novas de Deus. Fazes isso, meu filho? É importante. Vai pela manhã em direcção a Benguela, evita as estradas principais e evita encontros com desconhecidos no caminho. Leva água e comida, mas somente o que puderes carregar sem te atrapalhar o passo ou corrida. Vai sem medo, meu filho. A tua missão é importante. Quando chegares à Igreja em Benguela pergunta se nós somos o Último Pecado. Tens de ser firme, filho. Somos o Último Pecado? Leva esta pergunta e não saias de lá sem resposta, nem saias de lá sem notícias minhas. Fazes isso, filho?

-Senhora Irmã e Freira - continuou o rapaz - Esta foi a última vez que falei com o meu Pai e isto foi o que o meu pai me pediu e eu fiquei a pensar que ele, o meu pai, tem razão. Penso que, às vezes, é difícil acreditar que Deus olha por todos nós e que nos ama... Pode, por favor, senhora freira, pedir ao padre que tenha cuidado com o que nos faz acreditar? Pode,

irmã, Senhora Freira? Pode perguntar ao padre se pode ter cuidado com o que prega porque o meu pai o pode calar com duas frases? Pode dizer-lhe que nós sabemos que não é verdade que Ele nos protege e não é verdade que Ele está em todo lado e dentro de todas as pessoas... Não está, eu sei. O meu pai também sabe, senhora freira.

Gosto muito do senhor padre. No último natal foi até ao Chongoroi e trouxe-nos tantas estórias bonitas. Cada uma melhor do que a outra. Todas de Deus.

A última coisa que eu queria era que ele, o senhor Padre, pensasse que nós não gostamos dele... Bem, não queremos que ele pense que nós não sabemos que ele é tão nosso amigo, como Deus e a Irmã, digo, senhora freira. Mas, não imagina ninguém, nem sequer Deus, as coisas que se passaram lá para os lados do Chongoroi durante estes tempos de guerra, Irmã... Será que este sentimento de acreditar em Deus e não esperar nada D'Ele é o Último Pecado?

Pode o senhor padre responder a esta pergunta?

...

Conta-se que, no dia anterior a um ataque durante a última guerra de Angola, que matou toda a gente numa aldeia sem nome, terra de todos os que saíram de lá, terra de ninguém dos que ficaram, perto, muito perto do Chongoroi, um pai mandou um jovem de 14 anos falar com um padre a Benguela. O jovem ficou sem saber que o seu pai ía encontrar Deus, aquele Deus que eles tanto acreditavam, Aquele Deus, aquele Pai que acabou por o salvar.

A senhora freira abriu a porta da Igreja...

A senhora freira abriu a porta da rua, abriu a porta da palavra da boca dela, da boca do jovem, da boca do padre, mas a boca de Deus ninguém há-de abrir, penso eu, que vos conto

esta estória...

Que pai era aquele e que Deus tinha ele no peito?

* Bombó - Mandioca frita ou assada

* Paracuca - Doce de genguba, amendoim

* Umbundu - Língua tradicional do Sul de Angola

O Homem que não tinha mortalhas

Naquele cacimbo rigoroso tinha encontrado tempo nocturno para estudar, ler e para matutar sobre os assuntos actuais, mas, tentei sempre fazer uma leitura desses assuntos pelo ponto de vista de cada um dos autores e imprensa que ía conseguindo ler e, como habitualmente, ía tentado fazer pequenos ensaios teatrais.

Tinha estudado e lido Batkhin, considerado um dos maiores pesquisadores da linguagem humana, grande estudioso da língua, linguagem, polifonia. Escreveu também sobre psicologia, antropologia, história, filosofia, crítica literária, entre outras disciplinas. Infelizmente, não teve tempo de vida para estudar sobre a República de Angola.

Mikhael Batkhin deu-nos uma grande imagem

do desconcerto da língua, distorções do pensamento e contradições ideológicas. Uma imagem sobre como os homens podem ser voláteis, sem rumo, quando as adversidades se apresentam de repente.

Apresento-vos por palavras minhas a lição que recolhi naquele cacimbo sobre o mestre Batkhin, Leitura minha, minha responsabilidade..

A cena passa-se no fim do século XIX, arredores de Moscovo.

Sugere Batkhin que imaginemos um homem que decide fechar-se num quarto da sua vivenda e isolar-se de toda a gente.

Usa todo o seu tempo a escrever um livro. Nunca saía por motivo nenhum e nunca recebia ninguém.

Os dias, as semanas vão passando e ele vai, pacientemente, escrevendo o que julgava vir a ser o mais puro e importante livro do mundo.

De facto, o escritor quando terminou a sua obra, fugindo a falsas modéstias, assentiu que havia escrito uma obra extraordinária.

Bastava esperar que o seu editor o visitasse e propagasse a sua obra pelo mundo.

A espera iniciou.

Após algum tempo, apercebeu-se que tinha muito tabaco, vício antigo e necessário para

conseguir escrever, mas não tinha papel de cigarro, mortalhas de papel, nem cachimbo ou algo que se parecesse. Somente as folhas brancas, as poucas que sobraram quando acabou o livro.

Assumira anos antes que era viciado em tabaco. Precisava de fumar constantemente, sob pena de convulsões e paranóias nocturnas.

Em poucos dias as folhas brancas acabaram... e o editor teimava em não aparecer.

Assim, visto ser, para ele, absolutamente imprescindível o tabaco para o seu método criativo, para sossegar a urgência de desenhar por símbolos os seus pensamentos, toma a decisão mais difícil da sua vida:

Decide usar a primeira folha manuscrita da sua obra-prima como mortalha. Sentia-se ofegante devido à falta de nicotina, sentia-se

perdido ao ver-se a rasgar a página primeira da sua obra-prima. Rasgou-a em pequenos pedaços rectangulares e fumou-a. A verdade é que não se sentiu tão mal quando usou a segunda página e menos ainda quando usou a terceira... e todas as outras.

Enfim, acabou por fumar toda a sua obra...

Esta pequena alegoria pôs-me a pensar...

Será que a 4 de abril de 2002, Angola começou a escrever uma obra prima, um novo rumo? A escrever dentro do seu cubículo, nessa data, tão solitário que nem a conferência de doadores veio bater à porta?

Tivemos na nossa mão a possibilidade de escrever com honra e talento o nosso futuro, o nosso destino e, sem darmos por isso, quando outras exigências surgiram, cedemos ao vício

do dinheiro, ao vício que nos confunde o pensamento, ao vício do amiguismo, da exuberância, da vaidade?

Ou, pior do que isso, fomos ingénuos a tal ponto que outros vieram fumar as páginas do nosso passado e as do nosso futuro na mesma bufarada?

Não conseguimos ver a quantidade de usurpadores do outro lado da porta do nosso quarto, do nosso refúgio?

Durante o dia exigem, estes fumadores, transparência, direitos humanos e solidariedade. À noite, vêm fumar os nossos pergaminhos e trazem-nos tabaco-dinheiro, tabaco-corrupção, tabaco-agressão e, o pior de tudo, tabaco-condescendência.

Ao nosso toque angolano, o dinheiro fica sujo e vil. O deles é limpo, dizem. Não é! Sabemos agora. Basta ver os escândalos financeiros

dos países que durante décadas foram os polícias da nossa vida, os inspectores e auditores do nosso dinheiro.

À nossa presença angolana, a razão fica viciada. A moral é deles, afirmam. Não é! Basta ligar a televisão e testemunhar a imoralidade quotidiana fora das fronteiras de Angola. Genocídios, guerras infundadas provocadas pela ganância dos países ditos honestos e éticos.

O nosso petróleo, ao menos e valha-nos isso, dá para fumar mais uns anos e como falamos português, ainda melhor, caso contrário tínhamos de fazer uma adenda à constituição para ficarmos bem na fotografia.

Estes fumadores estrangeiros têm vícios de difícil compreensão.

Às vezes, somente quando há necessidade, vão aos cinzeiros da história recuperar

páginas fumadas há muito tempo, como fizeram agora para que a Guiné Equatorial fizesse parte da CPLP.

Outro compromisso pedido aos nossos novos parceiros é a abolição da pena de morte... Certo, certíssimo, maravilhosa bufarada de fumo para os olhos do mundo.

Parece que o petróleo da Guiné Equatorial falou mais alto do que a moral inquestionável de Portugal.

Deviam pedir ao parceiro da NATO, Estados Unidos, para abolirem a pena de morte, e quem devia pedir era a União Europeia, mastro firme da nau da decência e moral no mundo, porque isto da CPLP é mesmo só fumo e o fumo, já se sabe, esvai-se pelo ar.

Acto contínuo, pediam à China para abolir a pena de morte... Que grande bufarada seria!

Porém, nós, os angolanos, somos os autores da nossa obra, mesmo que não seja prima, é nossa a Responsabilidade.

Vamos escrevendo página a página o que supomos verdadeiro, mas devíamos ter mais atenção e verificar quantas páginas já escrevemos, quantas já fumamos e quantas estamos a dar a fumar, porque se, um dia, conseguirmos ver com os nossos olhos como eles, os não-angolanos, nos vêem, ficaremos horrorizados, estupefactos.

Se pudéssemos ver o quanto os incomoda estarmos a escrever o nosso destino com o nosso punho e não com o deles, ah, nesse dia, teríamos que começar novo livro, nova ordem, nova moral, mas sob o risco de nos congelarem o dinheiro nos bancos e de nos bombardearem com drones e misseis israelitas.

É verdade, são nossos amigos enquanto

participamos no jogo. Nós sujamos as mãos e eles exibem os anéis.

Afirmo isto porque já li as páginas das histórias dos portugueses, dos ingleses, dos americanos, dos russos, dos franceses e dos israelitas. Páginas negras de escravatura e humilhação, roubo e ataque sem declaração de guerra. Páginas de racismo e segregação.

Todos têm em comum nunca queimarem as páginas da sua própria história, queimando sempre as páginas dos outros.

Têm em comum garantirem que não se acabam nem as suas mortalhas nem o seu tabaco e que ninguém consiga jamais interferir nem nas linhas nem nas folhas dos seus livros.

Vamos ter de esperar pelos próximos capítulos para verificar se Batkhin tinha razão ou não.

Filhos de uma Pátria menor

Nesta mudança de liderança em Angola lembrei-me deste texto retirado do livro Vozes da Liberdade. Este extracto sempre conseguiu trazer-me desconforto, apesar de ser o reflexo exacto do que tenho como minha felicidade social e individual.

Carta de Victor Hugo a Alphonse de Lamartine
24/Julho/1862.

“Sim, uma sociedade que admite a miséria,
sim, uma religião que admite o Inferno,
sim, uma humanidade que admite a guerra,
parecem-me uma sociedade, uma religião e
uma humanidade inferiores,
e é para a sociedade excelsa, para a
humanidade excelsa, para a religião excelsa

que eu tendo: Sociedade sem rei,

humanidades sem fronteiras,

religião sem livro.

Sim, combato o padre que vende a mentira e o juiz que pratica a injustiça. Universalizar a propriedade, o que é contrário de aboli-la, suprimindo o parasitismo, significa chegar a este fim: Todo o homem proprietário e nenhum homem dono

Aí está, para mim, a verdadeira economia social e política.

O fim está distante. Será isso motivo para não marchar para ele?

Abrevio e resumo.

Sim, tanto quanto é permitido ao Homem querer, quero destruir a fatalidade humana, condeno a escravidão, repúdio a miséria, instruo a ignorância, trato da doença, clareio a noite, odeio o ódio. Eis o que sou e eis por que fiz Os Miseráveis. Em meu pensamento, os

Miseráveis não são outra coisa senão um livro que tem a fraternidade como base e o progresso como cume. “

...../////..... Fim de citação

Nestes tempos que correm, nestes tempos de repatriamento de capital e chamar as pessoas para explicarem o inexplicável, nestes tempos de bombas químicas e, igualmente de muros absurdos; nestes tempos de ébola e Faixa de Gaza, com a guerra na Ucrânia e a Líbia, Síria, Nigéria e todos os outros a ferro e fogo, a Argentina e o Brasil em banca rota, o senhor Trump a falar pela primeira vez com África como se fosse coisa nunca vista e indesejável, tenho sentido que somos todos contemporâneos de uma viragem histórica, somos contemporâneos de fenômenos de difícil compreensão.

As notícias vão-nos arrastando para uma realidade disforme, complexa, sem sentido ao olho nú do comum dos mortais, como eu.

Gastamos mais dinheiro no envio de uma sonda inter-planetária para analisar o pó dos cometas do que na pesquisa de vacinas.

Gastamos mais dinheiro em satélites para difusão de programas televisivos tipo BIG BROTHER do que em camas de hospital.

Mas, somos mesmo assim! Fazer o quê?

Quando somos chamados a dar opinião sobre o que nos rodeia, tentamos, pelo menos, sermos sinceros e trazer uma imagem crítica, uma imagem literária, uma visão ampla, traduzida por nossas palavras, sobre o mundo. Mas nem toda a gente consegue ver assim.

Uma crítica é uma forma digna de dar uma opinião.

Tentar encontrar dentro das frases, dos textos publicados, insinuações, segundas leituras será sempre perder tempo.

Existe a firmeza de carácter nas opiniões,

existe a firmeza de carácter na defesa dessas opiniões em perfil de crítica.

Não existe firmeza de carácter na crítica destrutiva dos textos escritos com rigor e isenção, nem nas opiniões sustentadas por experiência e academia.

Victor Hugo, escritor francês, foi um pensador sagaz e, passados tantos anos, inspirador de uma ideia de liberdade.

O que é ser livre?

Como posso ser livre?

Quem é livre?

Haverá algum desafio maior do que exprimir a desilusão da liberdade?

Quando considero que somos filhos de uma pátria menor, estarei a ser ingrato, menos patriota ou estarei a ser aquele que pede o que se deve?

Como angolano posso ou não posso estar descontente?

Se sim, se posso, deixem-me criticar, sugerir, afirmar.

Com a mesma firmeza e dignidade que pago os meus impostos, nessa mesma firmeza, declaro o meu descontentamento e não dou a ninguém, mesmo a ninguém, a possibilidade de me pedir menos, de me pedirem silêncio, contenção, cuidado na escolha de palavras, porque as palavras são minhas, não as escondo, não as vendo, não as discrimino, exijo a minha voz angolana, seja ela de benguela ou de onde fôr. Mas exijo a minha voz.

No dia que até as minhas palavras forem motivo de medo, lá volto eu a ler os Miseráveis, livro eclético e motivador para seguir em frente, sem medo e sem luxúria, porque, caros amigos, seremos todos inocentes em particular, mas seremos, igualmente, todos culpados em geral.

O Homem que nasceu com estrelas nos olhos

Nas margens do Rio Bengo existe uma aldeia cuja memória se perdeu no tempo. Nessa aldeia vive um homem velho, muito velho, que conta uma lenda antiga. Esse homem só conhece essa lenda, nenhuma outra e conta-a vezes sem conta para quem a quiser ouvir, mas sempre que a conta, diz quem a ouve, que soa como se libertasse um segredo. Sempre a mesma história, mas nunca igual. Este homem aceita falar de um homem extraordinário que nasceu aqui, nas terras enormes de Angola. Este homem velho, junta os homens jovens ao redor da fogueira e conta:

-Noutro tempo, aqui, na margem deste rio, nasceu uma criança com estrelas nos olhos. A mãe, ao dar à luz, percebeu que essa criança não era só dela, que era de todos e que aquela aldeia era pequena demais para quem nasce com estrelas nos olhos. -Estrelas nos

olhos, mais velho?

-Sim, estrelas, como as que vês no céu. -O que fez esse homem para que fosse extraordinário, para que fosse inesquecível? - Ele foi uma criança igual às outras. Brincava como os outros, pescava e caçava como as outras crianças, mas tinha estrelas nos olhos. Um dia, pela manhã, ele acordou e foi embora, despediu-se brevemente e saiu da aldeia, de madrugada, sem olhar para trás. Conta-se que foi à cidade grande, aquela que liga Angola ao mundo. Dizem que foi lá que aprendeu a guardar o que pensava. Aprendeu que as palavras se podem guardar em papel para serem usadas depois. Um dia, disseram-lhe que esse poder tão grande se chamava ler e escrever. Assim, percebendo isto, começou a procurar tudo o que outras pessoas guardavam em papel. Nessa cidade descobriu que conseguia ler também o que ele e as outras pessoas guardavam escrito nos corações e, com esse poder enorme, decidiu partir. Partiu para longe, atravessou o mar.

Conta-se que visitou uma terra que as pessoas falavam ao contrário e que, apesar de não terem estrelas nos olhos, tinham o sol no cabelo. Foi a uma cidade feita de luz, uma outra onde os homens prendiam a memória dos antepassados em estátuas de pedra. Esteve em cidades mágicas, escondidas em 7 colinas. Conheceu professores que abriram a porta da ciência e aprendeu línguas que disseram que estavam mortas. Foram muitos os anos a conhecer o mundo. As notícias dele eram raras, mas sempre chegavam notícias de novas aventuras, novos destinos. Finalmente, num mês de cacimbo, recebemos notícia de que ele se tinha revoltado. Contam que alguém encontrou nele uma cor. Gritaram que, naquelas terras distantes, ele não era o homem com estrelas nos olhos porque tinha uma cor diferente. Disseram-lhe que não era o viajante, aquele que tinha o horizonte no coração, não era. Ele era uma cor e que nunca o mundo seria dele, nem a sua própria terra. Nesse dia, despertou com mais mil estrelas

nos olhos e decidiu revoltar-se, decidiu guardar as suas palavras em mais papel e lançar as suas ideias em gritos de poesia e quanto mais escrevia mais estrelas lhe nasciam nos olhos. -O que é feito dele, mais velho? -As estrelas já se soltaram dos seus olhos. Voaram para o céu em harmonia, num dia de Setembro, numa espiral livre. Conta-se que as estrelas estão agora nos olhos de todos os jovens angolanos e, segundo a lenda, aí ficarão para sempre.

Quando o chinês comeu o meu cão no Bairro Benfica.

Temos ouvido, nestes últimos tempos, tantas coisas, tantos comentários contra a xenofobia. Uns contra a segregação, outros a favor do diálogo, da interacção das culturas, dos povos e da boa-vontade mundial, que tenho dúvidas sobre o que quero relatar agora.

Nada de especial, longe de ser uma perseguição racista, social ou política, mas um incidente isolado que pode dar mote para debate sobre quem é quem neste mundo.

Dei comigo a pensar quem é o “alho” e quem é o “bugalho”.

Passou-se um incidente pelos lados de Benfica.

Uma família angolana, verificando que tinha necessidade e capacidade financeira para fazer umas obras lá em casa, entendeu contratar “uns chineses” para mudar algumas

coisas no quintal, fazer obras na casa de banho dos anexos e, porque não confessar, um depósito de água subterrâneo de 3.000 litros que isto da água dá trabalho pelas nossas bandas. De Cabinda ao Cunene, do mar ao Leste. Um só povo, uma só realidade de fornecimento de água.... Outras conversas.

Lá vieram os chineses e começou o diálogo:

-Bom dia – disse o nosso interveniente principal cuja identidade vai ser mantida secreta.

-Bom dia, amigó! - disse o chinês, que vai ser o nosso interlocutor devido à profunda falta de habilidade lusófona dos outros... 15 chineses.

-Camarada, aqui não é para inventar nada. Azulejos e torneiras novas na casa de banho do anexo e um depósito de 3.000 litros de água muito bem feito que eu não quero chatices!

-Sim, amigó! Torneirá e depósitó! - disse o chinês.

-Quantos dias para fazer isso?

-Dias térés!

-Oi?

O chinês viu-se obrigado a mostrar 3 dos seus dedos da mão direita.

-Ok. Quando começa?

-Começá hoji!

-Hoje é sexta-feira, pá. Chatice. Bem, está bem.

-Você sai. Chinês fica, dias térés.

-Mau, não posso ficar em minha casa?

-Não, água fecha. Luz fecha. Nada. Amigó sai! O nosso camarada olhou para o chinês. Lembrou-se que eles só teriam acesso aos anexos e quintal. O preço que o chinês pediu era bem mais interessante do que ele estava a contar.

-Ok. Eu sai. Chinês fica. Três dias – mostrando três dos seus dedos da mão carnuda e enfeitada com uma bela pulseira de ouro.

Lá foi a família honrar os familiares com a visita demorada sempre adiada.

Três dias, três simples dias.

No domingo à tarde a família reuniu-se, agradeceu, despediu-se e rumou a casa para verem a obra, o resultado. Principalmente para prepararem tudo para segunda-feira, dia de escola dos putos e de trabalho dos adultos.

Mas sair de uma casa angolana sem a saídeira, sem o abraço, sem o repeteco de cerveja, não seria uma despedida conveniente.

Eram 17.50 horas de domingo quando esta família chegou a casa, lá para os lados do Benfica.

-Amigo chegó! - disse o chinês orgulhoso da obra concluída.

-Cheguei, cheguei... Vá, mostra lá o que fizeste – disse, sem grande entusiasmo e a língua a desobedecer um pouco.

A família foi andando, rodando e verificando tudo, principalmente o depósito de água.

De repente ouviu-se um grito. Um grito

assustador e sofrido, do fundo do coração de uma criança:

-Ó pai, o nosso cão fugiu!!!

Toda a gente a olhar uns para os outros a modos de perceber o que se passava.

-O cão desapareceu? Como assim?

-Não está na casota, pai! O nosso cão desapareceu!

-Mas nós temos cão? - pergunta o pai, olhando para a mãe.

-Pai, o Bobby. O nosso Bobby!

O pai olha para a mãe. A mãe olha para o pai e franze o sobrolho na direcção do chinês. A porta da casota escancarada a olhar para os dois.

-Ó camarada, onde é que está o meu cão? Estás a ouvir, camarada? O meu cão?

-Nao, cao. Cao acabou! - disse o chinês a sorrir.

-Acabou? O meu cão acabou? Mau, onde é que está o meu cão? - o nosso herói começa a elevar a voz.

-Cao não está mais. Nao cao! Cao foi! - disse

o chinês sempre a sorrir, mas a perceber que era caso de se começar a preocupar.

O miúdo grita ainda mais alto:

-Pai, eles comeram o meu cão! Eles Comeram o Bobby!

-Marido, faz alguma coisa que eles ainda nos comem a nós todos! - grita a esposa em pânico.

O pai começa a rodar pelo quintal. A porta da casota escancarada continuava a olhar para ele!

-Daqui ninguém sai sem me apresentarem o raio do cão!

-Marido, será que eles comeram mesmo o Bobby? - disse a mulher, ofegante, a agarrar a cabeça do filho mais novo no peito.

-Aqui ninguém come cão nenhum, nem chinês, nem vietnamita, ninguém!

-Amor, vai buscar a pistola. Olha que eles são muitos e ainda te dão um golpe de karaté, como o Bruce Lee, o primo do Jackie Chan! Socorro que nos matam!!!

-A mim? A mim? Ó chinês duma figa, está a

ameaçar-me?

O chinês percebe que algo está mal e começa a gritar, a chamar os outros chineses, todos assustados, com as mãos na cabeça, numa correria sem nexos.

Os muros do quintal pareciam as muralhas da fortaleza, a Muralha da China.

A esposa corre e segura um chinês pelo pescoço e pede ajuda:

-Acudam que ele me mata!! - num grito aflito, mas quase esganando o pobre do chinês que não conseguia fugir daquele grampo fatal de braço de funge de bombó.

-Socorro que ele me mata à frente dos meus filhos!!! Socorro, marido! - gritava, poderosa, já sentada em cima do primeiro chinês e a escalfar o segundo por uma orelha.

Era tanta a confusão que a vizinhança acudiu e cada um berrava mais que o outro, cada um dava mais um cascudo nos chinocas, fora os bicos, mordidelas e arranhões.

Todos menos um, o vizinho do lado, atrasado como sempre, chega caminhando firme com

um cão pela coleira.

-Parem todos, senão largo o cão – bradou, controlando o cão que latia feroz na direcção de todos.

Naquele grito alguém pára e pergunta:

-Ó vizinho, você tem cão?

-Não, este é o Bobby. Estava com sede e os chineses levaram-no para eu lhe dar água e comida que a eles o cão só ladrava e a mim conhece-me bem...

Toda a gente pára.

O cão solta-se da coleira e corre divertido para o filho mais novo. Os dois, cão e criança, dois amigos da primeira hora, abraçaram-se, beijaram-se, lamberam-se e rolaram pela relva num reencontro perfeito, dividindo saliva e suor.

Um milagre. Um verdadeiro milagre...

No final, somente 6 dos chineses estavam no quintal.

Os outros fugiram.

Estes 6 desconseguiram. Cansados, batidos, moídos de chapada à queima roupa.

Foi difícil para o nosso herói, o nosso pai, encontrar as palavras certas para se desculpar ao chinês, melhor, a todos eles... Desculpar-se por si e pela sua família, tal como por alguns dos vizinhos, que outros ficaram só a ver. Não foi só pela falta de vocabulário mandarim, pela lacuna verborreica das línguas dessas paragens, mas foi principalmente pela inquietação e despeito do chinês.

A obra foi feita e entregue, isto ninguém pode negar. Casa de banho e depósito. Torneiras e tudo.

O cão, o Bobby, está em vida nos braços do seu pueril companheiro.

O que sobrou para o nosso competente chinês?

Perseguição e agressão... Infâmia.

Bem, deveria estar a pensar o chinês, que “na vida só as paredes não se encontram” e, na primeira oportunidade, na primeira ocasião

que apanhar aquele angolano, outro angolano, aquela família angolana, outra família que fosse, mas angolana, assim que os apanhasse, com ou sem cão, que lhes pusesse a mão em cima, mas desta vez do outro lado da Muralha, da muralha dele, então eles íam ver o que é um grampo de Kung Fu e o quanto a arte da capoeira é só vento – pensou, certamente, digo eu...

Por muito que tentassem, não conseguiram explicar o quanto lamentaram este incidente. Um incidente simples, muito mais canino do que xenófobo.

Termina aqui este relato, um tanto emocionado, é certo, na expectativa de vos dar alguma luz sobre o que se passa nas relações dos povos, não nos palcos internacionais com visibilidade mediática, mas já ali, mesmo ao lado de casa, para os lados do Benfica, por exemplo.

Mestre, meu mestre

Escrevo-lhe esta mensagem para me despedir da sua pessoa e da sua cátedra.

Digo-lhe adeus, mestre.

Os seus ensinamentos nada mais produziram do que a chegada a este abismo onde me encontro.

As suas lições sobre o mundo e os homens tornaram-me num ser escuso de sentimentos.

Os seus ensinamentos trouxeram-me à mais patética forma de viver: O copo de veneno numa mão, a caneta na outra.

No peito, neste meu peito torneado pelos seus ensinamentos, nada.

Simplesmente nada.

Nem sentimentos, quanto mais remorsos. Nada.

Este vazio é obra sua. O caminho que me apontou é obra sua e, grande desilusão, veio desaguar neste abismo frio e incolor.

Tanta poesia para quê, mestre? Tantas estrofes apaixonadas para quê, meu mestre? Tantas viagens segredadas nos imensos livros que lemos para quê? Mudamos alguma coisa? Platão, Cervantes, N'Dunduma, Torga e Galileu para quê, meu mestre? Para viver neste mundo ignorante e impotente de sentir...? Até o livro sagrado perdeu a sua verdadeira mensagem...

Para quê a história gloriosa de N'Zinga e Katyavala se os sentimentos patrióticos e verdadeiros das nossas nações angolanas se dissiparam no interesse material e individual? Conseguir vê-lo pelas ruas das cidades do nosso país, pelos corações hipócritas dos nossos irmãos de armas, dos nossos compatriotas?

Para que me deste esta fome de Angola se foi para a perder de vista?

Para que me deste o mundo se me chamam pela minha cor e não pelo meu nome?

Chega, mestre. Decidi escolher a mão do veneno e esquecer a mão da caneta. Escolho o abismo e nunca mais o horizonte.

Amanhã será outro dia, mas jamais contem comigo para pintar o mundo com cores vivas, para ouvir as águas dos rios, ver o verde das planícies e honrar os nossos antepassados.

Nunca mais amarei ninguém, nunca mais ouvirei a emoção de uma trova ou de um kissange.

Nunca mais leio em voz alta nenhuma declaração, nem citarei o génio de mais nenhum escritor.

Basta!

Escolho o veneno, meu mestre.

Amanhã, já amanhã, desisto de ser poeta.

Adeus.

Quando o chinês comeu o meu cão no Bairro Benfica.

Temos ouvido, nestes últimos tempos, tantas coisas, tantos comentários contra a xenofobia. Uns contra a segregação, outros a favor do diálogo, da interacção das culturas, dos povos e da boa-vontade mundial, que tenho dúvidas sobre o que quero relatar agora.

Nada de especial, longe de ser uma perseguição racista, social ou política, mas um incidente isolado que pode dar mote para debate sobre quem é quem neste mundo.

Dei comigo a pensar quem é o “alho” e quem é o “bugalho”.

Passou-se um incidente pelos lados de Benfica.

Uma família angolana, verificando que tinha necessidade e capacidade financeira para fazer umas obras lá em casa, entendeu contratar “uns chineses” para mudar algumas

coisas no quintal, fazer obras na casa de banho dos anexos e, porque não confessar, um depósito de água subterrâneo de 3.000 litros que isto da água dá trabalho pelas nossas bandas. De Cabinda ao Cunene, do mar ao Leste. Um só povo, uma só realidade de fornecimento de água... Outras conversas.

Lá vieram os chineses e começou o diálogo:

-Bom dia – disse o nosso interveniente principal cuja identidade vai ser mantida secreta.

-Bom dia, amigó! - disse o chinês, que vai ser o nosso interlocutor devido à profunda falta de habilidade lusófona dos outros... 15 chineses.

-Camarada, aqui não é para inventar nada. Azulejos e torneiras novas na casa de banho do anexo e um depósito de 3.000 litros de água muito bem feito que eu não quero chatices!

-Sim, amigó! Torneirá e depósitó! - disse o chinês.

-Quantos dias para fazer isso?

-Dias térés!

-Oi?

O chinês viu-se obrigado a mostrar 3 dos seus dedos da mão direita.

-Ok. Quando começa?

-Começá hoji!

-Hoje é sexta-feira, pá. Chatice. Bem, está bem.

-Você sai. Chinês fica, dias térés.

-Mau, não posso ficar em minha casa?

-Não, água fecha. Luz fecha. Nada. Amigó sai! O nosso camarada olhou para o chinês. Lembrou-se que eles só teriam acesso aos anexos e quintal. O preço que o chinês pediu era bem mais interessante do que ele estava a contar.

-Ok. Eu sai. Chinês fica. Três dias – mostrando três dos seus dedos da mão carnuda e enfeitada com uma bela pulseira de ouro.

Lá foi a família honrar os familiares com a visita demorada sempre adiada.

Três dias, três simples dias.

No domingo à tarde a família reuniu-se, agradeceu, despediu-se e rumou a casa para verem a obra, o resultado. Principalmente para prepararem tudo para segunda-feira, dia de escola dos putos e de trabalho dos adultos.

Mas sair de uma casa angolana sem a saídeira, sem o abraço, sem o repeteco de cerveja, não seria uma despedida conveniente.

Eram 17.50 horas de domingo quando esta família chegou a casa, lá para os lados do Benfica.

-Amigo chegó! - disse o chinês orgulhoso da obra concluída.

-Cheguei, cheguei... Vá, mostra lá o que fizeste – disse, sem grande entusiasmo e a língua a desobedecer um pouco.

A família foi andando, rodando e verificando tudo, principalmente o depósito de água.

De repente ouviu-se um grito. Um grito

assustador e sofrido, do fundo do coração de uma criança:

-Ó pai, o nosso cão fugiu!!!

Toda a gente a olhar uns para os outros a modos de perceber o que se passava.

-O cão desapareceu? Como assim?

-Não está na casota, pai! O nosso cão desapareceu!

-Mas nós temos cão? - pergunta o pai, olhando para a mãe.

-Pai, o Bobby. O nosso Bobby!

O pai olha para a mãe. A mãe olha para o pai e franze o sobrolho na direcção do chinês. A porta da casota escancarada a olhar para os dois.

-Ó camarada, onde é que está o meu cão? Estás a ouvir, camarada? O meu cão?

-Nao, cao. Cao acabou! - disse o chinês a sorrir.

-Acabou? O meu cão acabou? Mau, onde é que está o meu cão? - o nosso herói começa a elevar a voz.

-Cao não está mais. Nao cao! Cao foi! - disse

o chinês sempre a sorrir, mas a perceber que era caso de se começar a preocupar.

O miúdo grita ainda mais alto:

-Pai, eles comeram o meu cão! Eles Comeram o Bobby!

-Marido, faz alguma coisa que eles ainda nos comem a nós todos! - grita a esposa em pânico.

O pai começa a rodar pelo quintal. A porta da casota escancarada continuava a olhar para ele!

-Daqui ninguém sai sem me apresentarem o raio do cão!

-Marido, será que eles comeram mesmo o Bobby? - disse a mulher, ofegante, a agarrar a cabeça do filho mais novo no peito.

-Aqui ninguém come cão nenhum, nem chinês, nem vietnamita, ninguém!

-Amor, vai buscar a pistola. Olha que eles são muitos e ainda te dão um golpe de karaté, como o Bruce Lee, o primo do Jackie Chan! Socorro que nos matam!!!

-A mim? A mim? Ó chinês duma figa, está a

ameaçar-me?

O chinês percebe que algo está mal e começa a gritar, a chamar os outros chineses, todos assustados, com as mãos na cabeça, numa correria sem nexos.

Os muros do quintal pareciam as muralhas da fortaleza, a Muralha da China.

A esposa corre e segura um chinês pelo pescoço e pede ajuda:

-Acudam que ele me mata!! - num grito aflito, mas quase esganando o pobre do chinês que não conseguia fugir daquele grampo fatal de braço de funge de bombó.

-Socorro que ele me mata à frente dos meus filhos!!! Socorro, marido! - gritava, poderosa, já sentada em cima do primeiro chinês e a escalfar o segundo por uma orelha.

Era tanta a confusão que a vizinhança acudiu e cada um berrava mais que o outro, cada um dava mais um cascudo nos chinocas, fora os bicos, mordidelas e arranhões.

Todos menos um, o vizinho do lado, atrasado como sempre, chega caminhando firme com

um cão pela coleira.

-Parem todos, senão largo o cão – bradou, controlando o cão que latia feroz na direcção de todos.

Naquele grito alguém pára e pergunta:

-Ó vizinho, você tem cão?

-Não, este é o Bobby. Estava com sede e os chineses levaram-no para eu lhe dar água e comida que a eles o cão só ladrava e a mim conhece-me bem...

Toda a gente pára.

O cão solta-se da coleira e corre divertido para o filho mais novo. Os dois, cão e criança, dois amigos da primeira hora, abraçaram-se, beijaram-se, lamberam-se e rolaram pela relva num reencontro perfeito, dividindo saliva e suor.

Um milagre. Um verdadeiro milagre...

No final, somente 6 dos chineses estavam no quintal.

Os outros fugiram.

Estes 6 desconseguiram. Cansados, batidos, moídos de chapada à queima roupa.

Foi difícil para o nosso herói, o nosso pai, encontrar as palavras certas para se desculpar ao chinês, melhor, a todos eles... Desculpar-se por si e pela sua família, tal como por alguns dos vizinhos, que outros ficaram só a ver. Não foi só pela falta de vocabulário mandarim, pela lacuna verborreica das línguas dessas paragens, mas foi principalmente pela inquietação e despeito do chinês.

A obra foi feita e entregue, isto ninguém pode negar. Casa de banho e depósito. Torneiras e tudo.

O cão, o Bobby, está em vida nos braços do seu pueril companheiro.

O que sobrou para o nosso competente chinês?

Perseguição e agressão... Infâmia.

Bem, deveria estar a pensar o chinês, que “na vida só as paredes não se encontram” e, na primeira oportunidade, na primeira ocasião

que apanhar aquele angolano, outro angolano, aquela família angolana, outra família que fosse, mas angolana, assim que os apanhasse, com ou sem cão, que lhes pusesse a mão em cima, mas desta vez do outro lado da Muralha, da muralha dele, então eles íam ver o que é um grampo de Kung Fu e o quanto a arte da capoeira é só vento – pensou, certamente, digo eu...

Por muito que tentassem, não conseguiram explicar o quanto lamentaram este incidente. Um incidente simples, muito mais canino do que xenófobo.

Termina aqui este relato, um tanto emocionado, é certo, na expectativa de vos dar alguma luz sobre o que se passa nas relações dos povos, não nos palcos internacionais com visibilidade mediática, mas já ali, mesmo ao lado de casa, para os lados do Benfica, por exemplo?

Filhos de uma Pátria menor

Adriano Moreira, político português de 92 anos de idade, afirmou no Jornal i o seguinte:

“A primeira Declaração Universal dos Direitos do Homem diz que "todos os homens nascem com igual direito à felicidade". Mas tinha vírgulas: os nativos não, os escravos não, as mulheres não, os trabalhadores não... E tem levado algum tempo a apagar estes não com uma série de combates cívicos, por vezes com recurso à violência. É necessário garantir os direitos para que todos construam em liberdade o seu futuro.”

Numa pequena vila a sul de uma cidade de uma província a norte do Rio Kwanza, no passado mês de maio, um pequeno grupo de jovens reuniu-se para debaterem a sua condição de cidadãos da República de Angola.

Um pequeno grupo de jovens, todos eles

nascidos naquela vila e todos eles estudantes, elaboraram uma declaração de intenções a apresentar às autoridades provinciais.

O texto, metodicamente elaborado, tinha princípio, meio e fim.

Era um texto escrito de forma a também poder ser lido a viva voz, ser gritado em público para provocar reacções a quem o ouvisse.

Os jovens estavam em poder de uma declaração que iria levantar dúvidas e protestos, reacções musculadas e ameaças de punição, sanções e cativoiro.

Corriam o risco de ajudarem a aumentar o número já impressionante de presos por crime de pensamento. Cativeiro infâme, mas óbvio e necessário, pensaram.

Não levariam as suas convicções para trás das grades, somente os seus corpos, a sua

juventude, os seus medos, mas as suas convicções não!

Eles que os viessem prender, amarrar, ameaçar, bater, mas a declaração já estaria livre, solta pelos montes e vales daquela província ao norte do rio Kwanza, pelas províncias vizinhas, pelo país. Seria falada nos corredores do poder, nos ministérios, nos gabinetes...

Seriam cantadas baladas sobre os seus feitos, sobre a sua coragem e perseverança. Ruas teriam os seus nomes e nunca mais a sua vila seria desconhecida, nunca mais o seu povo seria vítima de nada que o afligisse ou atacasse...

A Declaração era simples.

Assim declararam:

Nós, jovens desta província ao norte do rio

Kwanza, declaramos que aceitamos viver esquecidos, aceitamos a falta de oportunidades e a falta de programas para a nossa província.

Nós, de livre vontade, requeremos a Vossas Excelências que esqueçam de uma vez por todas os compromissos celebrados pela constituição da República de Angola em relação à juventude, saúde e educação gratuita, trabalho, família, segurança, liberdade e felicidade.

Abdicamos desses direitos e, mui respeitosamente, cedemos os nossos lugares nas escolas, nos colégios e universidades a outros que seja de Vossa conveniência. Cedemos, de igual modo, os empregos porvir na função pública.

Estaremos, ainda assim e apesar de tudo, disponíveis para sermos os vossos soldados, os vossos descartáveis, conforme for a vossa

necessidade e urgência.

Queiram saber que abdicamos do nosso lugar no debate nacional sobre a lei de nacionalidade, lei geral do trabalho, lei de terras, lei dos partidos políticos, lei de investimento privado, lei das finanças e economia, lei da igualdade do género, lei da comunicação social, lei do culto religioso, investimento público etc.

Recusamos o nosso direito de participar nos debates de decretos, projectos-lei, despachos e adendas.

Queiram, Vossas Excelências, sentirem-se desobrigados da nossa participação activa no que concerne ao debate democrático útil, esqueçam a necessidade da nossa militância e intervenção cívica, ignorem o que quer que seja vindo da nossa parte.

Declaramos solenemente que, desde este dia em diante, seremos o modelo exacto do que

Vos apraz, sem exigirmos nada que exceda a simples existência muda, inútil e inócua.

Pedimos, mui respeitosamente, que de agora em diante não anunciem programas para a juventude, não publicitem manuais escolares gratuitos, nem merenda escolar, não abram as portas dos hospitais, não subvencionem o transporte escolar, que retirem as bolsas de estudo, eliminem as vagas universitárias, fechem os programas desportivos, as bibliotecas, os teatros, os cinemas.

Pedimos que abram valas comuns e descartem o ónus de cemitérios dignos. Rogamos que não arranjem as estradas, não construam pontes, não restabeleçam as redes de água, luz e esgotos da nossa província.

Declaramos que nos abstemos, que nos separamos do vosso programa de reconstrução nacional, das vossas políticas de reestruturação social, dos vossos

investimentos nos diversos campos da vida nacional.

Compreendemos, finalmente, que não fazemos parte do todo da nação, independentemente da idade, do género, habilitações literárias, cor política ou credo religioso.

Compreendemos esse tanto porque, apesar dos inúmeros pedidos de ajuda, apesar das missivas enviadas a demonstrarem as dificuldades extremas em que vivemos, apesar das consecutivas demonstrações que jamais entraremos na vida do país sem o apoio de Vossas Excelências, jamais estaremos ao nível da exigência do mundo que nos rodeia, jamais recuperaremos a desvantagem gritante que temos em relação aos jovens de outros centros urbanos, a desvantagem de sermos angolanos do interior, a desvantagem de sermos jovens em Angola no século XXI, pois, nunca tivemos resposta a nenhum dos nossos

veementes pedidos de ajuda, de socorro, nem uma linha, nem um telegrama, um emissário que fosse que nos dissesse na cara: - Esqueçam, vocês são filhos de uma pátria menor!

Declaramo-nos cidadãos de uma Pátria Menor, uma pátria sem nome, sem constituição, sem honra, sem hino. Uma pátria esquecida, amedrontada e sem recursos.

Sentimos que vivemos agora numa nação tão diferente da Pátria de Vossas Excelências, que decidimos libertar-Vos de todas as responsabilidades e compromissos e declarar Independência unilateralmente.

O nosso sentimento de independência está na razão exacta e proporção do cuidado que Vossas Excelência têm pelas nossas vidas e necessidades.

Aqui declaramos Independência do nada que nos dão!

Assim, certos da vossa melhor atenção sobre este assunto, e sem expectativa de Vossa resposta, queiram receber os nossos mais sinceros votos de sucesso e felicidade.

Estamos à vossa disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,
Grupo de Jovens de uma província ao norte do rio Kwanza.

P.S. Junto enviamos os originais dos nossos bilhetes de identidade para que façam uso deles conforme entenderem.

A declaração estava escrita e corrigida. Debatida por todos, assinada por todos.

A declaração foi entregue com protocolo e tudo no Governo Provincial desta província a

norte do rio Kwanza.

Porém, esta declaração não teve o efeito esperado, tive notícia há poucos dias.

Este grupo de jovens não recebeu resposta nenhuma, nem a norte, nem a sul do rio que dá nome à nossa moeda.

Nem foram presos em aparato televisivo, nem foram à rádio, nem tiveram fotografias nos jornais, nem nenhum chefe entendeu que era importante. Nada.

No dia seguinte, apesar da humilhação de não serem sequer detidos, arrastados, abalroados e agredidos, foram-se entregar à polícia, exigiram as suas celas e as bastonadas previsíveis. Exigiram a reposição da ordem e da moral!

Nada. Nem um arranhão para servir de prova e patente...

Bem, possivelmente, foi o primeiro passo para lado nenhum, mas tentaram e fizeram mais do que muitos que conheço, que andam por aí a tentarem sem sucesso, a pedirem o mínimo previsível, o mínimo que é seu de direito, mas, também eles, todos nós, temos sido filhos de uma pátria menor.

Romance de cordel

Ela.

Desde que me disseste que não nos podíamos ver mais, eu tenho contado os dias...

Disseste que o nosso amor era uma tolice.

Tu, um homem casado recentemente. Eu, uma jovem apaixonada.

Disseste que seria melhor para os dois, que eu tinha a vida inteira para te esquecer e perceber que o nosso amor era um erro. Disseste que deveríamos fazer tudo para nunca mais nos vermos.

Pois bem, menti-te quando aceitei a tua decisão.

Desde esse dia tenho feito tudo para vencer, para ser melhor. Fiz de tudo para que tu nunca mais tivesses razão e pudéssemos, finalmente, estar juntos.

Todo o meu sucesso foi na perseguição deste objectivo, de ser melhor em tudo e que tu nunca mais me expulsasses da tua vida.

Sou uma mulher com alguma fama, quase rica e os meus atributos femininos dão-me um poder que eu nunca imaginei estarem ao alcance de uma mulher nascida em Benguela.

10 anos... 4 meses... 14 dias à procura da tua cara no público que me aplaudia, nas multidões que me esperavam nos aeroportos de todas as cidades que visitei. Todos esses dias a amar-te profundamente, secretamente, sabendo que cada esforço, cada sucesso era um atalho para o nosso reencontro.

10 anos... 4 meses... 14 dias depois, tu conseguiste partir-me o coração.

Em todos os homens que conheci, nunca nenhum competiu contigo.

10 anos... 4 meses... 14 dias encontro-me contigo por acaso, num parque da nossa cidade e tu, finalmente tu, acenas como se eu fosse somente uma amiga de longa data, um sorriso amigável... nada mais.

Hoje, 10 anos... 4 meses... 14 dias senti que te perdi. Tu esqueceste tudo. Esqueceste o meu beijo, o meu calor, o meu amor. Hoje és

mais inatingível do que nunca; hoje não tenho nada que tu queiras.

O tempo foi generoso contigo e a vida deu-te uma família que te faz brilhar os olhos. Vi um sorriso na tua face que nunca... tinha visto antes.

Adeus, meu amor, adeus.

Ele.

Desde aquele dia que te disse que nunca mais nos poderíamos ver que conto os dias, os minutos.

Como poderia prender-te a mim, sabendo que não podia dar-te nada do que tu merecias?

Tu eras uma menina que meteu na cabeça que amava... como se pudesses saber o que é isso de amor...

Viver um amor clandestino em Benguela... Esse disparate tinha de parar.

Foi melhor assim. Tu seguiste a tua vida, ganhaste fama e dinheiro, realizaste os teus sonhos.

Segui todos os teus passos, recortei todas as notícias sobre ti, acompanhei a tua ascensão e percebi que já não precisavas de mim. Tinhas um objectivo claro e eu, simplesmente eu, não podia competir com aqueles desconhecidos todos, com dinheiro e tempo para ti.

Durante 10 anos... 4 meses... 14 dias vivi feliz por ti, até hoje, no parque da nossa cidade, quando vi nos teus olhos uma mágoa que não conhecia, uma distância impossível de alcançar. Hoje, 10 anos... 4 meses... 14 dias partiste-me o coração.

Pluto era um cão maravilhoso.

Pluto era um cão maravilhoso.

Gostava de brincar, saltar, correr atrás de borboletas, ladrar sem motivo.

Pluto achava que era o cão mais livre do mundo. Era um cão sem raça, sem preconceitos. Um cão feliz.

Tinha uma cauda fina, bem fina, para caber entre as pernas sempre que tivesse medo ou dúvidas.

Na cabeça alegre e quadrada de Pluto não cabiam palavras complicadas, nem sequer vontades que estivessem longe da vontade do seu amigo, Mickey, sim, visto que Pluto não tinha dono, tinha amigos, camaradas, companheiros.

O seu melhor e maior companheiro e, principalmente, camarada era o Mickey.

Rapaz sensato e atento.

Eles tinham uma relação esclarecida.

-Pluto, anda cá!

Lá ía o Pluto.

-Pluto, vai votar!

Lá ía o Pluto votar.

-Votaste como te disse?

Pluto latia alegre e abanava a cauda fina.

-Pluto, vai morder aquele senhor! Sim esse! Esse mesmo que ele não gosta de ti, não gosta de mim, não gosta de ninguém!

Pluto ía e mordia e rosnava, e latía e sofria e, se fosse necessário, Pluto morria, sim, se fosse necessário. Morria às mãos daquele senhor desconhecido, daquele senhor que o odiava, que o matava se ele dormisse, se ele tolerasse, se ele cedesse.

Pluto atacava sem dó nem piedade.

Pluto voltava sempre para o aconchego de Mickey. Para lhe lambe as mãos fortes e gordas, com anéis brilhantes e raros.

Às vezes, Pluto, tentava ladrar sozinho. Passear sozinho, ver o que havia do outro lado da vedação do quintal. Mas... Mickey não concordava...

-Pluto, já te disse para não andares a correr

atrás de borboletas!

-Pluto, quem te mandou ladrar? Não ladres sempre que ouves um som desconhecido, já te disse!

-Pluto, come o que tens para comer ou prendo-te na casota, tiro-te a água e nunca mais brincas comigo!

Pluto parava, com a língua de fora, atento, incrédulo, mas parava.

Pluto via o Mickey como um pequeno Deus.

O seu amigo sabia tudo.

Sabia de arquitectura, de leis, de estradas, de agricultura, de economia, sabia ver o futuro, sabia falar sem dizer nada.

Pluto estava feliz.

Quem, no mundo, tinha um amigo tão perfeito como ele? Ninguém.

Quem mais mandava na vida e na morte? Ninguém. Só Mickey.

Bem, talvez outros Mickeys que ele não conhecia também conseguissem, mas ele não sabia. Não sabia mesmo, porque Pluto só sabia que era analfabeto e sabia que não

sabia onde estava a sua família, a sua casa, sabia que não sabia nada.

Pronto. Pluto não sabia quem era!

Só sabia que era camarada, amigo e companheiro de Mickey!

Quem mais conseguia semelhante privilégio?

Quem?

Talvez o Pateta, amigo comum. Sim, o Pateta estava igualmente feliz.

O Pateta, tal como o Pluto, gostava de sonhar, de viajar, de supor que a felicidade é possível, é verdadeira. Tal como o Pluto, Pateta acreditava cegamente no Mickey.

Pateta era um cão também, mas andava de pé, vestia roupas parecidas com as roupas do Mickey, mas, tal como Pluto, não ladrava, não decidia, não corria atrás de borboletas...

Pluto tinha uma dúvida.

Que borboletas eram aquelas? Que vontade era essa de brincar e ladrar?

A força do braço

Tenho pensado na revolução política do mundo com pequenos cenários teatrais. Coisas simples.

Imagino a revolução como uma pequena cena, um enredo simples, numa tarde de cacimbo, em Angola, em África.

Um jovem, benguelense, não mais de 15 anos de idade, arremessa uma bola de ténis a uma parede.

A bola é verde e tem inscrições estrangeiras que o jovem lê de relance, não dá importância, principalmente porque a bola sugere qualidade.

Exercício simples, mas sonoro.

É uma sala ampla e sem mobília. O chão marcado pelo uso de muitos anos.

O jovem agarra na bola, arremessa gentilmente para o chão, o chão reage e devolve a força para a parede; a parede devolve a bola ao jovem.

Num ritmo esquemático e previsível.

O som, porém, ultrapassa as paredes desta sala, desta casa.

Presumo, neste exercício de cena teatral, que o som terá ultrapassado muitos andares posteriores e poucos inferiores.

O som, apesar do rigor das verdades universais inabaláveis, produziram o seu efeito nos andares superiores, de acesso só possível por escadarias de madeira fina, de paredes enfeitadas por quadros originais de figuras inesquecíveis :

-Quem deu autorização para o jovem ter acesso à sala? A sala é minha, dentro da minha autoridade! Que som é aquele?

O jovem continua a reproduzir o seu movimento, sem considerar que coisa tão simples fosse provocar tanto barulho nos andares acima e muito menos aos andares abaixo.

-Que bola é aquela? Que barulho é aquele? - Perguntam pelos corredores, pelos andares, acima e abaixo.

Alguém, mais estudado e avisado manda dizer que está presente uma força que pode provocar grande dano, pode provocar muito mais barulho se não for eliminada, silenciada. Intensifica-se o pânico e enviam gente para neutralizar o jovem e a bola.

Vem gente dos andares de cima e de baixo, vasculham todo o edifício, chamam-se por patentes e títulos, nunca pelos seus nomes. Arrancam armas dos armários, escolhem

explosivos e aviões, muitos aviões e navios de guerra. Mudam-se exércitos de edifícios vizinhos, fecham-se as janelas, fecham-se as fronteiras...

-Alguém que me traga os culpados, já! - gritava o comandante supremo do prédio com voz rouca e raiva desmedida.

Capturaram o jovem, a bola, o chão e a parede...

O jovem pergunta, sempre a medo, o que havia feito, que pecado havia cometido com a bola, o chão e a parede?

Aquele homem mais estudado respondeu: - Meu jovem, o problema não é a bola, nem o chão, nem sequer a parede. O problema é a força do teu braço.

Os Diamantes do Quitexe

Durante os meses de inverno, a D^a Maria Clara ía todas as terças-feiras ao cabeleireiro. Gostava sempre de se sentir bem arranjada. Passava pela Praça Sá de Bandeira e andava em direcção à Rua Capelo e Ivens, em Santarém. Ela detestava os invernos ribatejanos.

Naquela tarde, quando se sentou em frente ao espelho do salão, sentiu, com mais preocupação, as marcas da idade.

-Como o tempo voa.

-Você está muito bem para a idade – disse a D^a Augusta, também cliente assídua.

No salão, todos se sentiam como se estivessem em casa.

D^a Maria Clara passou as mãos pelos cabelos brancos e disse:

-Se o arrependimento matasse...

-Vá lá, Maria Clara, pára lá com essas coisas!

-Não é nada disso, Augusta. Simplesmente

tenho um segredo que, se eu morrer, vai comigo para a cova.

-Um segredo?

Todo o salão parou para ouvir aquela senhora de 77 anos bem estimados.

Sem tirar os olhos do espelho, prosseguiu:

-Em 1974, eu vivia em Angola, na província do Uíge, numa vila simpática chamada Quitexe. Quando começaram os ataques dos terroristas, o meu marido começou a vender tudo. Vendeu as terras, os campos de café. Pronto. Vendeu tudo e eu nunca concordei. Mas ele foi vendendo e comprando diamantes. Às vezes, eu dizia que o dinheiro se gasta e a terra fica. Ele respondia a rir que eu bem sabia que os diamantes são eternos.

Já em 1975, ele tinha duas garrafas de vidro de 75 centilitros cheias de diamantes.

Não sei bem como aquilo acontecia, se era o desespero de fugir ou o de ficar, mas a verdade é que se adquiriam diamantes com muita facilidade.

Às vezes, à noite, naquelas noites mais entusiasmadas dos casais, brincávamos com os diamantes na cama.

-Vocês brincavam com diamantes na cama?

-Sim, brincávamos.

Maria Clara percebeu um rubor na sua face que não conseguiu evitar, tal como, uma euforia amigável nas amigas do salão.

Continuou.

-Durante as semanas seguintes a situação agravou-se e ele decidiu esconder as garrafas numa das paredes da casa.

Na altura rimos porque sabíamos que a nossa vivenda agora valia milhões e ninguém que passasse por lá podia adivinhar.

No último dia, já a ouvirmos as bombas à distância e a ver os vizinhos a fugirem só com a roupa que tinham no corpo, mais nada, decidimos fazer o mesmo.

Voltaríamos para casa assim que tudo acalmasse.

Mas nunca mais acalmou e, quando demos por isso, já estávamos em Portugal

A verdade é que nunca mais voltamos.

Ficaram lá os diamantes, emparedados durante 30 anos e nós aqui com tantas dificuldades.

-Mas nem sequer tentaram voltar? – Perguntou alguém.

-Acho que não. Tentar, verdadeiramente, não. A obsessão do meu marido pelos diamantes foi crescendo, envenenando-o cada dia mais, ao ponto de vivermos infelizes e frustrados todos estes anos. Ele acabou por morrer, há 10 anos, com a profunda tristeza de termos vivido sem aquela fortuna que representava uma vida de trabalho.

-Mas, se calhar, ainda estão lá... – disse alguém.

Devem estar. Falei com algumas pessoas que vieram de Angola e disseram que aquela zona não foi muito afectada. Talvez.

A conversa foi seguindo e o tom aumentando, até que esmoreceu e o assunto foi mudando. Mudou para todas menos para Augusta,

também ela retornada de Angola.

Nessa tarde fria de inverno em Santarém, Augusta decidiu que iria ficar rica.

À noite fez telefonemas para alguns amigos e familiares em Luanda, incluindo a sua irmã.

-Augusta, o que tu tens de fazer é saber exactamente qual é a casa e, se conseguires, qual a parede que devemos procurar.

-Mas se ela não quiser dizer?

-Diz! Ela é que contou! Diz-lhe que lhe damos 50% dos diamantes.

-Mas...

-Nada de mas! Aqui em Angola eu trato de tudo. Tu só tens de fazer o que eu te disser.

Desligaram.

Nessa noite, em Luanda, Antónia, irmã de Augusta, não dormiu.

Fez os planos.

Tudo o que tinha que fazer era escolher as

peçoas certas. Assim que a Augusta mandasse os detalhes, ela iria para o Quitexe e trazia os diamantes. Tudo iria mudar em breve. Tudo.

Pela manhã, em Santarém, a senhora Maria Clara estranhou que tão cedo alguém a visitasse. Abriu a porta e disse:

-Maria Augusta, por aqui e tão cedo?

-Podemos falar?

Augusta entrou.

Uma semana decorrida depois do telefonema, Antónia estava em posse de tudo o que necessitava. Tinha um mapa minucioso feito pela mão de Maria Clara. Tinha duas pessoas de confiança para ir ao Quitexe, um jipe e algumas ferramentas para partirem a parede. Não deveria demorar muito. Um dia de viagem, um dia para conseguirem ter acesso à casa.... Foi aí que se lembrou que a casa devia estar ocupada por alguém. Teria de resolver isso no local e na hora certa.

Partiram.

A estrada de Luanda-Uíge em 2003 era um inferno. Época de chuva e muitos obstáculos no caminho. Nenhum suficiente para impedir Antónia e os seus companheiros.

Ela disse-lhes que havia uma garrafa de diamantes escondida naquela casa. Eles acreditaram.

Um dos companheiros foi escolhido pela sua experiência das estradas de Angola e por sinais evidentes de não ser a pessoa mais inteligente do mundo.

Conseguia coisas brilhantes, como mudar pneus sem macaco, encontrar alternativas nas estradas bloqueadas pelas enchentes dos rios e outras habilidades que convêm aos viajantes natos, mas só isso, nada mais. Este era o Anacleto.

O outro não tinha outra habilidade senão a de ser aldrabão. Persuasivo nos seus jeitos de galã, mas mentiroso compulsivo, vigarista de

trazer por casa.

Era perseguido por um passado recente de dívidas e insucessos. Mudava de número de telefone com frequência e estava sempre com aquela expressão de quem já foi ou vai ser apanhado. Este era o Constantino.

Antónia sabia que os podia controlar. Não só pela diferença de idade e dos modos de dama da sociedade, mas especialmente pelo seu faro para uma solução prática para os seus problemas imediatos. Ela seria a chefe da missão.

Só assim ela poderia ficar com a segunda garrafa sem o conhecimento deles.

Faltava recrutar alguém no Uíge ou Quitexe. Essa pessoa teria que ter bons contactos, mas nada de grande, somente com alguma influência. Teria que conseguir que eles passassem despercebidos.

O contacto foi feito previamente.

Gonçalves era um português evidentemente mal sucedido no ramo da construção civil. Os anos foram passando e lá acabou por cair no Uíge, cheio de dificuldades económicas. Havia a promessa da construção de um ou mais hospitais. Mas nunca aconteceu. Foi ficando e por lá ficou.

Conhecia toda a gente e seria o pivot de contacto no Quitexe.

A viagem foi empolgante, cheia de peripécias e, ao fim da tarde chegariam ao Uíge, mas ainda longe de Quitexe.

Durante a viagem a conversa não mudou.

-Isto dos diamantes não é para miúdos – dizia Constantino – Sabem lá a quantidade de gajos que eu conheço que se lixaram. Em Luanda, vende-se mais vidros de pára-brisas a fazer de diamantes do que cerveja.

-Epá, na altura não havia maldade – dizia Anacleto – o pessoal era puro. Isto dos diamantes era para se safarem uns aos outros.

Antónia ouvia e calava.

Quando chegaram ao Uíge, Gonçalves disfarçava mal a sua falta de empolgação sobre este assunto. A chuva nocturna criava um ambiente sórdido de humidade, calor e mosquitos.

Ficaram instalados na casa de Gonçalves. Era uma vivenda geminada de antigo estilo colonial. Os vizinhos eram um pesadelo diário. A música alta 24 horas por dia, numa cidade sem luz eléctrica, dava com Gonçalves em doido.

-Estes zairenses...- e calava-se numa reflexão ameaçadora.

Durante o jantar, com o som monocórdico do pequeno gerador como fundo, Gonçalves comentou:

-Já vi muitas pessoas virem para cá neste tipo de aventuras. Eu chamo-lhe o síndrome de Indiana Jones!

Na mesa ninguém riu.

Antónia mostrou a diferença de nível que havia entre ela e os restantes com um movimento lento e gracioso acompanhado de uma saudação falsa:

-Boa noite a todos. Por favor, não fiquem a beber até tarde. Amanhã saímos às 6 horas.

-Sr. Gonçalves, onde é o meu quarto?

-Claro, claro. Durma no meu quarto. Nós arranjamo-nos por aqui na sala. Durma bem.

Ficaram a beber até tarde, numa cornucópia de idiotices sem sentido. Contaram histórias impossíveis até ser de manhã.

Antónia ouviu cada palavra que o grupo gritou durante a embriaguez.

De manhã ainda chovia. A chuva parecia lama de quente que era.

O plano estava traçado.

Como Gonçalves conhecia o administrador de Quitexe, iria apresentar os três como investidores estrangeiros.

-Sabe, Sr. Administrador, eles são gente de dinheiro e eu falei logo em si.

Disseram que precisavam de uma casa para montar escritório. Depois iriam fazer uma fábrica de tijolos e uma padaria.

-Sr. Administrador, nós não nos vamos esquecer de si. Vai ver que não fica mal.

Quando chegaram à pequena vila de Quitexe, o administrador suava de entusiasmo.

-Claro que vos ajudo. Sempre pensamos que ninguém mais se lembraria de Quitexe. Precisamos de toda a ajuda possível. Quem sou eu para criar impedimentos a estes senhores tão distintos e à senhora, claro está!

Enquanto saíam do pequeno edifício da administração comunal, o administrador ía falando sem parar. Chamava as pessoas aos gritos e dava ordens em kimbundu.

Juntou-se uma pequena multidão à volta do grupo. As crianças corriam sem parar e

entoavam canções de brincadeira para chamarem à atenção. O administrador enxotava-os com maus modos e lá seguiam, sob a chuva miúda, em direcção à casa.

-Isto é que é passar despercebido. – matutava Antónia.

Quitexe tinha apenas 2 ruas e um conjunto modesto de vinte vivendas em alvenaria. Tudo o resto eram kubatas podres devido à humidade e capim.

Em Quitexe chovia todos os dias do ano. Muito ou pouco, mas chovia.

A vila estava envolvida pela mata densa daquela região e dava a sensação de ser uma ilha, rodeada de selva por todos os lados, até aonde a vista alcançava.

Subiram a rua principal e, sem perderem o sangue frio, avistaram a casa.

Antónia ficou surpreendida pela diferença da casa que via, agora à sua frente, daquela que havia imaginado, sem parar, nas últimas semanas.

Era uma casa sombria e sem gosto. A cor azul colonial havia-se transformado num tom de podridão e de abandono. Cheirava a bolor à distância.

À medida que se foram aproximando, a pequena multidão foi-se dispersando, evitando a proximidade daquele mausoléu minúsculo, rodeado de árvores mortas e ervas daninhas até à altura do primeiro andar.

A casa ficou abandonada aqueles anos todos, ninguém ocupou. Um milagre.

Antónia quase soltou um grito de entusiasmo quando soube disso. Os outros mostraram-se estranhamente incomodados.

Subitamente, o administrador também parou. Antónia notou e perguntou:

-Algum problema?

-Bem, não há problema nenhum, mas não temos o hábito de passar à frente desta casa. Sabe como é o povo. Ouvem uma história e vão-na alterando á medida que a contam. Chegam ao ponto de acreditar naquilo que sabem que foram eles que inventaram.

-O que foi que inventaram, posso saber? – disse Antónia, sempre altiva.

-Nada de interesse, garanto-lhe – despachou o administrador – Se é esta a casa que querem é esta que vão ter!

-É esta a casa que queremos.

Gonçalves aproximou-se e começou a falar com o administrador sobre as condições de aluguer e outros detalhes administrativos.

Antónia e os outros ficaram em silêncio a olhar para a casa.

Durante toda a tarde falaram dos investimentos e das dezenas de empregos que iriam criar.

-O progresso não se pode parar – garantiam.

-Com Angola em paz, quem perder tempo, perde o barco.

Ao final da tarde conseguiram autorização para entrarem na casa desacompanhados, sem muito esforço, visto que ninguém parecia interessado em ali entrar, muito menos à noite.

Entraram os quatro. Antónia tirou da pasta o pequeno manuscrito de Maria Clara e disse:

-É aquela parede. Anacleto, vai buscar a marreta.

-Mas, se nos pomos a martelar a estas horas chama a atenção...

-Vá, vai buscar a marreta que eu depois digo que é para ver se a casa aguenta as obras – rematou, pragmático, Constantino.

Gonçalves estava mais entusiasmado agora, mas coube-lhe a missão de ficar a ver se alguém se aproximava.

Passado alguns minutos Gonçalves voltou.

-Como é que eu sei se vocês encontraram os diamantes?

-Nós dizemos-te – disse Antónia, ríspida.

-E como é que sei que encontraram exactamente a quantidade de diamantes que me mostrarem? Podem tirar parte dos diamantes da garrafa e dizer que foi tudo o que encontraram.

-Pois podemos, Gonçalves. Preferia pensar

que não existe margem para desconfianças entre nós. Mas, se quiseres, se achares necessário, podes revistar-nos.

Gonçalves baixou os olhos e disse:

-Não será necessário, Dona Antónia, por favor, perdoe-me.

Alguns minutos depois, Gonçalves começou a ouvir as pancadas na parede da casa. Parecia um martelo pneumático numa igreja. Com aquela humidade devia-se ouvir no Uíge todo. Cada pancada era um sobressalto. Gonçalves sentia os pulmões a ferverem.

Dentro da casa, no corredor, Anacleto atacava uma das paredes furiosamente. Antónia suava e estremecia a cada derrocada de cimento e tijolo.

A parede foi cedendo às pancadas, mas nada. Antónia, em silêncio, olhou mais uma vez para o mapa e disse:

-Pára, acho que estamos a ver o mapa ao contrário.

Anacleto parou, ofegante, com uma expressão de raiva no rosto.

-Ao contrário como? Está a brincar com esta merda?

-Sim, ao contrário. Estamos no lado errado da parede.

Constantino riu-se um pouco e disse:

-Vá lá. Estamos muito ansiosos. Vamos ver bem o mapa.

Pararam os três e verificaram bem a posição das paredes em relação à porta de entrada, à porta da cozinha, das escadas.

-Tem razão, Antónia. É do outro lado.

Anacleto seguiu decidido e recomeçou o ataque.

Nada.

Perto das 23 horas alguém se aproximou da casa. Não era ninguém. Só um curioso.

Decidiram voltar pela manhã e continuar a tarefa.

-Mas, com todo este aparato, se alguém vem cá durante a noite e encontra os diamantes? –

disse Anacleto.

Entreolharam-se.

-Tens razão. Um de nós deve passar aqui a noite – concluiu Constantino.

-Mas qual de nós? E, se quem ficar descobrir os diamantes? Vai dividi-los? Vai dizer a quantidade certa que encontrou? – disse Gonçalves

-Você, às vezes, dá-me cabo dos nervos, homem. Cale-se com isso.

Olharam-se entre si e pela primeira vez todos sentiram que o Gonçalves devia ter mais razão do que aquela que conseguia explicar.

-Dormimos todos aqui!

-Anacleto, como é que vamos dormir aqui?

-Dormimos no carro e vigiamos a casa durante a noite, por turnos.

Passaram a noite no carro, sob uma chuva teimosa e um calor tremendo, atacados por mosquitos do tamanho de abelhas.

Anacleto, dormiu aflito por não ter a certeza se

teria partido todos os cantos da parede, se tinha escapado alguma coisa.

Constantino, dorido, remoído pelos minutos que esteve fora da sala, na conversa com Gonçalves, deixando Maria Antónia e Anacleto sozinhos.

Antónia, furiosa por não ter encontrado o seu tesouro logo à primeira pancada.

Gonçalves, dormiu com a certeza que seria enganado.

Assim decorreram os três dias e três noites seguintes, indiferentes ao que o povo de Quitexe pudesse dizer ou pensar.

Destruíram todas as paredes da casa, encontrando forças somente nos pequenos intervalos em que bebiam água ou uma cerveja quente.

Carregaram entulho de uma sala para outra, desfizeram o chão, picaram os tectos todos.

Descobriram ecos em pilares de cimento armado, mas nada.

Reviraram o jardim à volta da casa duas vezes.

Nada. Nem uma, quanto mais duas garrafas.

No fim dos três dias desistiram.

-A velha está a esconder alguma coisa.

-Pode ser que não seja esta a casa.

-Se calhar nunca houve diamante nenhum.

Decidiram regressar a Luanda na manhã do quarto dia.

Estafados, desmoralizados, desconfiados e, não menos importante, sem os diamantes.

A viagem de regresso decorreu sem incidentes, porém, sem conversas nem histórias para contar.

À chegada a casa, Antónia, sentiu um burburinho no andar do seu apartamento.

Quando chegou ao cimo das escadas viu a sua filha, Antonieta à sua espera com um grande sorriso.

-Mãe, estávamos todos preocupados. Tantos dias. Nem imaginas quem chegou ontem de Portugal: A tia Augusta.

Maria Augusta estava de pé na pequena sala de jantar de Antónia, mais suada do que o habitual. Já não ía a Angola pelo menos há quinze anos. Tinha perdido a noção do calor de Luanda.

Os cumprimentos foram longos e ternos e as perguntas habituais respondidas, mas havia na cara das duas um sinal de desespero.

-Como não encontraram nada?

-Estou-te a dizer! Nada. Partimos a casa toda, da cabeça aos pés e nada.

Silêncio.

-Se é assim porquê que demoraram tantos dias?

-Para partir as paredes todas ou achas o quê?

-Acho que o mapa era explícito e que em meia hora encontravam os diamantes e voltavam para Luanda, isto é o que eu acho – grunhiu

Augusta.

Antónia mirou-a e prendeu a resposta por um segundo.

-Olha, nos últimos quatro dias, viajei nas piores estradas do mundo, apanhei chuva, dormi em carros com três homens bêbados, parti uma casa toda e, agora, chego à minha casa e tu atiras-me à cara que eu te roubei os diamantes!

-Sim, duas garrafas de diamantes!

-Duas garrafas de diamantes, Augusta? – perguntou calmamente Constantino, no fundo da sala, olhando de soslaio para Antónia.

A discussão durou dias, semanas e, não havendo forma de tratar do assunto, Augusta decidiu regressar a Portugal. Regressar aos frios invernos ribatejanos.

Nunca mais telefonou à irmã.

Augusta havia chegado de noite a Santarém. Exausta, decidiu nem desarrumar as malas da viagem. Para quê? Tinha o resto vida para o

fazer.

De manhã, ainda na cama, o telefone tocou.

-Sim, quem é? – atendeu Augusta, surpresa pelo cedo da hora.

-Sou eu, Augusta, a Maria Clara. Soube que chegou de Angola.

Augusta ficou em silêncio, petrificada.

-Espero que ainda hoje me traga os meus 50% dos diamantes.

-Sabe, Maria Clara, não encontramos diamantes nenhuns.

-Augusta, ouça com atenção: - Eu sei que os diamantes estavam lá. Não me vai enganar. Escreva o que eu lhe digo. Não me vai enganar!

Augusta nunca mais foi ao salão de cabeleireiro, às terças-feiras de todos os meses de inverno, da Rua Capelo e Ivens, em Santarém.